

PAPA FRANCISCO



CICLO DE CATEQUESES
OS VÍCIOS E AS VIRTUDES

Editado por 



Papa Francisco

CICLO DE CATEQUESES: OS VÍCIOS E AS VIRTUDES

Fonte:
www.vatican.va

Sala Paulo VI

Quarta-feira, 27 de dezembro de 2023

1 - **Introdução: custodiar o coração**

Hoje gostaria de introduzir um ciclo de catequese sobre o tema dos vícios e das virtudes. E podemos começar precisamente do início da Bíblia, onde o livro do Gênesis, com a narrativa dos progenitores, apresenta a dinâmica do mal e da tentação. Pensemos no Paraíso terrestre. No quadro idílico representado pelo Jardim do Éden, aparece um personagem que se torna o símbolo da tentação: a serpente, este personagem que se torna o símbolo da tentação. A serpente é um animal insidioso: ela se move lentamente, rastejando pelo chão, e às vezes não se percebe nem mesmo a sua presença, pois consegue se mimetizar bem com o ambiente. Sobretudo por isso é perigosa.

Ao começar a dialogar com Adão e Eva demonstra também se uma dialética refinada. Começa como se faz nas fofocas maldosas, com uma pergunta maliciosa: "É verdade que Deus vos proibiu comer do fruto de toda árvore do jardim?" (Gn 3, 1). A frase é falsa: Deus, na realidade, ofereceu ao homem e à mulher todos os frutos do jardim, exceto os de uma árvore específica: a árvore do conhecimento do bem e do mal. Esta proibição não pretende proibir ao homem o uso da razão, como às vezes é mal interpretada, mas é uma medida de sabedoria. Como se dissesse: reconheça o limite, não se sinta dono de tudo, porque o orgulho é o início de todos os males. A narração diz que Deus coloca os progenitores como senhores e custódios da criação, mas quer preservá-los da presunção da onipotência, de se tornarem senhores do bem e do mal. Esta é uma tentação feia, também agora, é a armadilha mais perigosa para o coração humano, contra a qual devemos nos proteger todos os dias!

Como sabemos, Adão e Eva não conseguiram resistir à tentação da serpente. A ideia de um Deus não tão bom, que queria mantê-los submissos, insinuou-se em suas mentes: daí o colapso de tudo. Logo os progenitores perceberão que, assim como o amor é prêmio para si mesmo, também o mal

é castigo para si próprio. Não haverá necessidade dos castigos de Deus para compreender terem errado: serão seus próprios atos a destruir o mundo de harmonia em que viviam até então. Eles pensaram que se tornariam como deuses, mas em vez disso percebem estar nus e de também ter muito medo: porque, quando o orgulho penetra no coração, então ninguém mais pode se proteger da única criatura terrena capaz de conceber o mal, isso é, o homem.

Com estas narrativas, a Bíblia explica-nos que o mal não começa no homem de uma forma clamorosa, quando um ato já é concreto, mas muito antes, *quando se começa a entreter-se com ele*, a acalmá-lo na imaginação e nos pensamentos, terminando por ser enredado por suas lisonjas. O assassinato de Abel não começou com uma pedra atirada, mas com o rancor que Caim infelizmente guardava, fazendo com que ele se tornasse um monstro dentro de si. Também neste caso, as recomendações de Deus são inúteis: “O pecado estará à tua porta, espreitando-te; mas, tu deverás dominá-lo”. (Gn 4,7).

Com o diabo, caros irmãos e irmãs, nunca se dialoga. Nunca! Não se deve discutir, nunca. Jesus nunca dialogou com o diabo, ele o expulsou. Quando foi tentado no deserto, ele não respondeu com o diálogo; simplesmente respondeu com as palavras da Sagrada Escritura, com a Palavra de Deus. Estejam atentos, o diabo é um sedutor. Nunca dialogar com ele, porque ele é mais esperto do que nós e nos fará pagar. Quando a tentação vier, nunca dialogue! Feche a porta, feche a janela, feche o coração. Assim, nós nos defendemos dessa sedução, porque o diabo é astuto, ele é inteligente. Ele procurou tentar Jesus com citações bíblicas! Ele se mostrava como um grande teólogo. Com o diabo não se dialoga. Vocês entenderam bem isso? Estejam atentos. Com o diabo não se dialoga e com a tentação não devemos nos entreter. Não se dialoga. A tentação vem: fechamos a porta. Protejamos o coração. Ele é capaz de disfarçar o mal sob uma máscara invisível de bem. É por isso que devemos estar sempre alertas, fechando imediatamente a menor fresta quando ela tentar penetrar em nós. Há pessoas que caíram em dependências que não conseguiram mais superar (drogas, alcoolismo, jogos de azar) simplesmente porque subestimaram um risco. Pensaram que eram fortes em uma batalha de nada, mas acabaram sendo vítimas de um inimigo muito poderoso. Quando o mal se enraíza em

nós, então toma o nome de vício e é uma erva daninha difícil de erradicar. Isto só pode ser alcançado à custa de duras penas.

Devemos ser *custódios do próprio coração*. É a recomendação que encontramos em vários padres do deserto: homens que deixaram o mundo para viver na oração e na caridade fraterna. O deserto – diziam – é um lugar que nos poupa algumas batalhas: a dos olhos, a da língua e a dos ouvidos, só nos resta uma última luta, a mais difícil de todas, a do coração. Diante de cada pensamento e de cada desejo que surge na mente e no coração, o cristão comporta-se como um sábio guardião, e questiona para saber de onde veio: se de Deus ou do seu Adversário. Se vem de Deus, então deve ser acolhido, porque é o começo da felicidade. Mas se vier do Adversário, é apenas cizânia, é apenas poluição, e mesmo que sua semente nos pareça pequena, uma vez criada a raiz, descobriremos dentro de nós as longas ramificações do vício e da infelicidade. O bom êxito de toda batalha espiritual depende muito do seu início: no vigiar sempre o nosso coração.

Devemos pedir a graça de aprender a custodiar o coração. É uma sabedoria saber como custodiar o coração. Que o Senhor nos ajude nesse trabalho. Aquele que custodia seu coração custodia um tesouro. Irmãos e irmãs, aprendamos a custodiar o coração. Muito obrigado.

Sala Paulo VI

Quarta-feira, 3 de janeiro de 2024

2 - O combate espiritual

Prezados irmãos e irmãs, bom dia!

Na semana passada introduzimo-nos no tema dos vícios e das virtudes. Ele recorda a luta espiritual do cristão. Com efeito, a vida espiritual do cristão não é pacífica, linear, sem desafios; pelo contrário, a vida cristã exige um combate constante: o combate cristão para conservar a fé, para enriquecer os dons da fé em nós. Não é por acaso que a primeira unção que cada cristão recebe no sacramento do Batismo - a unção catecumenal - é sem perfume algum e anuncia simbolicamente que a vida é uma luta. Sim, na antiguidade os lutadores eram completamente ungidos antes da competição, quer para tonificar os músculos, quer para tornar o corpo esquivo às garras do adversário. A unção dos catecúmenos torna imediatamente claro que ao cristão não é poupada a luta, que o cristão deve lutar: também a sua existência, como a de todos, deverá descer à arena, pois a vida é uma sucessão de provações e tentações.

Uma célebre frase atribuída a Abade António, o primeiro grande padre do monaquismo, reza assim: “Tira as tentações e ninguém se salvará”. Os santos não são homens aos quais foi poupada a tentação, mas pessoas bem conscientes de que as seduções do mal aparecem repetidamente na vida, para ser desmascaradas e rejeitadas. Todos nós experimentamos isto, todos nós: ter um mau pensamento, o desejo de fazer isto ou de falar mal do outro... Todos, todos nós somos tentados, e devemos lutar para não cair nessas tentações. Se algum de vós não tem tentações, que o diga, pois isto seria algo extraordinário! Todos nós temos tentações, e todos devemos aprender a comportar-nos em tais situações.

Há muitas pessoas que são egocêntricas, que pensam que estão “bem” – “Não, eu sou bom, sou boa, não tenho estes problemas”. Mas nenhum de nós está bem; se alguém se sente bem, sonha; cada um de nós tem muitas

coisas a corrigir, e também devemos estar vigilantes. E às vezes acontece que vamos ao Sacramento da Reconciliação e dizemos, com sinceridade: “Padre, não me lembro, não sei se cometi pecados...”. Mas isto é falta de conhecimento do que acontece no coração. Somos pecadores, todos nós! É um pequeno exame de consciência, um pequeno olhar interior far-nos-á bem. Caso contrário, correremos o risco de viver nas trevas, porque nos habituamos às trevas e já não conseguimos distinguir o bem do mal. Isaac de Nínive dizia que, na Igreja, quem conhece os seus pecados e chora por eles é maior do que aquele que ressuscita um morto. Todos nós devemos pedir a Deus a graça de nos reconhecermos pobres pecadores, necessitados de conversão, guardando no coração a confiança de que nenhum pecado é demasiado grande para a misericórdia infinita de Deus Pai. Esta é a lição inaugural que Jesus nos dá!

Vemo-lo logo nas primeiras páginas dos Evangelhos, em primeiro lugar quando nos falam do batismo do Messias nas águas do rio Jordão. O episódio tem em si algo de desconcertante: por que se submete Jesus a este rito de purificação? Ele é Deus, é perfeito! De que pecado se deve arrepender Jesus? De nenhum! Até o Batista fica escandalizado, a ponto de o texto dizer: João queria impedi-lo, dizendo: «Eu é que tenho necessidade de ser batizado por ti. E tu vens a mim?». Mas Jesus é um Messias muito diferente do que João o tinha apresentado e do modo como as pessoas o imaginavam: não encarna o Deus irado, não convoca para o julgamento mas, pelo contrário, põe-se na fila com os pecadores. Como? Sim, Jesus caminha connosco, com todos nós, pecadores. Não é um pecador, mas está entre nós. E isto é bom! “Padre, cometi tantos pecados!” – “Mas Jesus está contigo: fala deles, Ele ajuda-te a abandoná-los”. Jesus nunca nos deixa sozinhos, nunca! Pensai bem nisto. “Oh, Padre, cometi coisas graves!” – “Mas Jesus compreende-te e acompanha-te: entende o teu pecado e perdoo”. Nunca esqueçamos isto! Nos piores momentos, nos momentos em que escorregamos nos pecados, Jesus está ao nosso lado para nos ajudar a levantar. Isto dá-nos consolação. Não podemos perder esta certeza: Jesus está ao nosso lado para nos ajudar, para nos proteger, até para nos levantar depois do pecado. “Mas Padre, é verdade que Jesus perdoo tudo?” – “Tudo. Ele veio para perdoar, para salvar. Mas Jesus quer o teu coração aberto”. Nunca se esquece de perdoar: somos nós, muitas vezes, que perdemos a capacidade de pedir perdão. Recuperemos a capacidade de pedir perdão.

Cada um de nós tem muitas coisas das quais pedir perdão: cada um de nós pense nisso dentro de si, e hoje fale com Jesus sobre isto. Fale com Jesus sobre isto: “Senhor, não sei se é verdade ou não, mas tenho a certeza de que Tu não te afastas de mim. Tenho a certeza de que me perdoas. Senhor, sou pecador, pecadora, mas por favor não te afastes”. Esta seria uma bonita oração a Jesus hoje: “Senhor, não te afastes de mim”.

E logo após o episódio do batismo, os Evangelhos narram que Jesus se retira para o deserto, onde é tentado por Satanás. Também aqui se põe a questão: por que o Filho de Deus deve conhecer a tentação? Também neste caso, Jesus se mostra solidário com a nossa frágil natureza humana e torna-se o nosso grande exemplum: as tentações que atravessa e vence no meio das pedras áridas do deserto são a primeira instrução que dá à nossa vida de discípulos. Ele experimentou o que também nós devemos sempre preparar-nos para enfrentar: a vida é feita de desafios, provações, encruzilhadas, visões opostas, seduções ocultas, vozes contraditórias. Algumas vozes são até persuasivas, a ponto que Satanás tenta Jesus recorrendo às palavras da Escritura. Devemos preservar a lucidez interior para escolher o caminho que nos conduz verdadeiramente à felicidade e depois esforçar-nos para não parar ao longo do caminho.

Lembremo-nos de que estamos sempre divididos entre extremos opostos: a soberba desafia a humildade; o ódio opõe-se à caridade; a tristeza impede a verdadeira alegria do Espírito; o empedernimento do coração rejeita a misericórdia. Os cristãos caminham constantemente sobre estes cumes. Por isso é importante refletir sobre os vícios e as virtudes: ajuda-nos a superar a cultura niilista em que os contornos entre o bem e o mal permanecem matizados e, ao mesmo tempo, recorda-nos que o ser humano, ao contrário de qualquer outra criatura, pode sempre transcender-se a si mesmo, abrindo-se a Deus e caminhando rumo à santidade.

Portanto, o combate espiritual leva-nos a olhar mais de perto os vícios que nos agrilhoam e a caminhar, com a graça de Deus, para as virtudes que podem florescer em nós, trazendo a primavera do Espírito à nossa vida.

Sala Paulo VI

Quarta-feira, 10 de janeiro de 2024

3 - A gula

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

Neste nosso caminho de catequeses que percorremos sobre os vícios e as virtudes, hoje meditemos sobre o vício da *gula* .

O que nos diz o Evangelho a tal respeito? Olhemos para Jesus. O seu primeiro milagre, nas bodas de Caná, revela a sua *simpatia pelas alegrias humanas*: preocupa-se por que a festa acabe bem, oferecendo aos noivos uma grande quantidade de vinho excelente. Ao longo do seu ministério, Jesus manifesta-se como um profeta muito diferente do Batista: se João é recordado pela sua ascese — comia o que encontrava no deserto — Jesus é, ao contrário, o Messias que vemos muitas vezes à mesa. O seu comportamento suscita o escândalo de alguns, pois não só é benevolente para com os pecadores, comendo até com eles; e este gesto demonstrava a sua vontade de comunhão e de proximidade em relação a todos.

Mas há algo mais. Se a atitude de Jesus em relação aos preceitos judaicos nos revela a sua total submissão à Lei, Ele mostra-se, no entanto, compreensível com os seus discípulos: quando estes são apanhados em flagrante, porque têm fome e colhem espigas de trigo em dia de sábado, Ele justifica-os, lembrando-lhes que até o rei David e os seus companheiros, quando estavam em necessidade, comeram os pães sagrados (cf. *Mc* 2, 23-26). E Jesus afirma um novo princípio: os convidados para as bodas não podem jejuar quando o noivo está com eles; jejuarão quando o noivo lhes for tirado. Agora tudo está em relação com Jesus. Quando Ele está no meio de nós, não podemos estar em luto; mas na hora da sua paixão, então sim, jejuamos (cf. *Mc* 2, 18-20). Jesus quer que estejamos alegres em sua companhia — Ele é o Esposo da Igreja — mas quer igualmente que compartilhemos os seus sofrimentos, que são também os padecimentos dos pequeninos e dos pobres.

Outro aspeto importante. Jesus *põe fim à distinção entre alimentos puros e impuros*, que era uma distinção feita pela lei judaica. Na realidade — ensina Jesus — não é o que entra no homem que o contamina, mas o que sai do seu coração. E dizendo isto, «tornava puros todos os alimentos» (Mc 7, 19). Por isso, o cristianismo não contempla alimentos impuros. Mas a atenção que devemos ter é interior: portanto, não sobre o alimento em si, mas *sobre a nossa relação com ele*. E sobre isto Jesus diz claramente que o que faz a bondade ou a maldade, digamos assim, de um alimento, não é o alimento em si, mas a relação que tivermos com ele. E vemos isto quando uma pessoa tem uma relação desordenada com a comida, olhamos para a forma como ela come, come à pressa, como se tivesse vontade de se saciar e nunca se sacia, não tem uma boa relação com o alimento, é escrava da comida.

Esta relação serena que Jesus estabeleceu com a alimentação deveria ser redescoberta e valorizada, especialmente nas sociedades do chamado bem-estar, onde se manifestam muitos *desequilíbrios e patologias*. Come-se demais ou de demasiado pouco. Come-se muitas vezes em solidão. Os distúrbios alimentares alastram-se: anorexia, bulimia, obesidade... E a medicina e a psicologia procuram abordar a má relação com a comida. A má relação com a comida produz todas estas enfermidades.

Trata-se de doenças, frequentemente muito dolorosas, ligadas sobretudo aos tormentos da psique e da alma. A alimentação é a manifestação de algo interior: a predisposição para o equilíbrio, ou para o exagero; a capacidade de dar graças, ou a arrogante pretensão de autonomia; a empatia de quem sabe partilhar a comida com os necessitados, ou o egoísmo de quem acumula tudo para si. Esta questão é muito importante: diz-me como comes e dir-te-ei que alma tens. No modo de comer revela-se a nossa interioridade, os nossos hábitos, as nossas atitudes psíquicas.

Os antigos Padres designavam o vício da gula com o nome de “gastrimargia”, termo que se pode traduzir por “loucura do ventre”. A gula é uma “loucura do ventre”. E há também este provérbio: devemos comer para viver, não viver para comer. A gula é um vício que se insere precisamente numa das nossas necessidades vitais, como a alimentação. Tomemos cuidado com isto!

Se a virmos de um ponto de vista *social*, talvez a gula seja o vício mais perigoso, que *mata o planeta* . Pois o pecado de quem cede diante de uma fatia de bolo, considerando bem, não causa grandes danos, mas a voracidade com que nos desencadeamos, desde há alguns séculos, sobre os bens do planeta compromete o futuro de todos. Apoderamo-nos de tudo, para nos tornarmos donos de tudo, quando tudo estava entregue à nossa preservação, não à nossa exploração! Eis, pois, o grande pecado, a fúria do ventre: abjuramos o nome de homens, para assumir outro, “consumidores”. E hoje diz-se assim na vida social: “consumidores”. Nem sequer nos damos conta de que alguém começou a chamar-nos assim. Fomos feitos para ser homens e mulheres “eucarísticos”, capazes de dar graças, discretos no uso da terra e, ao contrário, o perigo é de nos transformarmos em predadores, e agora damo-nos conta de que esta forma de “gula” fez muito mal ao mundo. Peçamos ao Senhor que nos ajude no caminho da sobriedade e que os vários tipos de gula não se apoderem da nossa vida.

Sala Paulo VI

Quarta-feira, 17 de janeiro de 2024

4 - A luxúria

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

Hoje ouça mos bem a catequese, porque depois teremos o circo que fará algo para nos divertir.

Continuemos o nosso itinerário sobre os vícios e as virtudes; e os antigos Padres ensinam-nos que, após a gula, o segundo “demónio”, ou seja, vício, que está sempre agachado à porta do coração é a luxúria. Enquanto a gula é a voracidade em relação à comida, este segundo vício é uma espécie de “voracidade” para com outra pessoa, isto é, a ligação envenenada que os seres humanos têm uns com os outros, especialmente na esfera da sexualidade.

Prestemos atenção: no cristianismo não há condenação do instinto sexual. Um livro da Bíblia, o Cântico dos Cânticos, é um maravilhoso poema de amor entre dois noivos. No entanto, esta dimensão tão bonita da nossa humanidade, a dimensão sexual, a dimensão do amor, não está isenta de perigos, de tal modo que já São Paulo deve abordar esta questão na primeira Carta aos Coríntios. Assim escreve: «De todas as partes ouvimos falar de imoralidade entre vós, de uma imoralidade que não se encontra nem sequer entre os gentios» (5, 1). A repreensão do Apóstolo diz respeito precisamente a uma gestão malsã da sexualidade por parte de certos cristãos.

Mas olhemos para a experiência humana, a experiência do enamoramento. Aqui há tantos recém-casados, vós podeis falar disto! Porque este mistério acontece, e porque é uma experiência tão devastadora na vida das pessoas, nenhum de nós sabe. Uma pessoa apaixonada-se por outra, o enamoramento ocorre. É uma das realidades mais surpreendentes da existência. Boa parte das canções que ouvimos na rádio referem-se a

isto: amores que se iluminam, amores sempre procurados e nunca alcançados, amores cheios de alegria ou que atormentam até às lágrimas.

Quando não é poluído pelo vício, o enamoramento é um dos sentimentos mais puros. Uma pessoa apaixonada torna-se generosa, gosta de dar presentes, escreve cartas e poesias. Deixa de pensar em si própria, projetando-se completamente para o outro, e isto é bonito! E se perguntarmos a uma pessoa apaixonada “por que motivo amas?”, ela não terá uma resposta: sob muitos aspetos, o seu amor é incondicional, sem qualquer razão. Paciência se aquele amor, tão poderoso, é também um pouco ingénuo: o apaixonado não conhece verdadeiramente o rosto do outro, tende a idealizá-lo, está pronto a fazer promessas cuja relevância não compreende imediatamente. No entanto, este “jardim” onde se multiplicam maravilhas não está ao abrigo do mal. Ele é deturpado pelo demónio da luxúria e este vício é particularmente odioso, pelo menos por dois motivos.

Em primeiro lugar, porque *devasta as relações entre as pessoas*. Para documentar uma realidade como esta, infelizmente bastam as notícias de todos os dias. Quantas relações iniciadas da melhor maneira se transformaram depois em relações tóxicas, de posse do outro, desprovidas de respeito e de sentido do limite? São amores em que faltou a castidade: virtude que não se pode confundir com a abstinência sexual - a castidade é mais do que a abstinência sexual - mas que está ligada à vontade de nunca possuir o outro. Amar é respeitar o outro, procurar a sua felicidade, cultivar a empatia pelos seus sentimentos, dispor-se ao conhecimento de um corpo, de uma psicologia e de uma alma que não são nossos e que devem ser contemplados pela beleza de que são portadores. Amar é isso, e o amor é belo! A luxúria, pelo contrário, ridiculariza tudo isto: a luxúria saqueia, rouba, consome tudo apressadamente, não quer ouvir o outro, mas somente a própria necessidade e prazer; a luxúria considera tedioso qualquer namoro, não procura a síntese entre razão, impulso e sentimento, que nos ajudaria a conduzir a existência com sabedoria. O luxurioso só procura atalhos: não compreende que o caminho para o amor deve ser percorrido com lentidão, e esta paciência, longe de ser sinónimo de aborrecimento, permite tornar felizes as nossas relações amorosas.

Mas há uma segunda razão pela qual a luxúria é um vício perigoso. Entre todos os prazeres do homem, a sexualidade tem uma voz poderosa. Envolve todos os sentidos, habita tanto no corpo como na psique, e isso é muito bom, mas se não for disciplinada com paciência, se não estiver inscrita numa relação e numa história em que dois indivíduos a transformam em dança amorosa, torna-se uma cadeia que priva o homem da liberdade. O prazer sexual, um dom de Deus, é minado pela pornografia: satisfação sem relação, que pode gerar formas de dependência. Devemos defender o amor, o amor do coração, da mente, do corpo, o amor puro na entrega de si mesmo ao outro. E esta é a beleza da relação sexual.

Vencer a batalha contra a luxúria, contra a “coisificação” do outro, pode ser um empreendimento para toda a vida. Mas a recompensa desta batalha é a mais importante de todas, pois se trata de preservar aquela beleza que Deus inscreveu na sua criação quando imaginou o amor entre o homem e a mulher, que não consiste em servir-se um do outro, mas em amar-se. Esta beleza, que nos faz acreditar que construir uma história juntos é melhor do que partir em busca de aventuras - há tantos casanovas! - cultivar a ternura é melhor do que curvar-se ao demónio da posse - o verdadeiro amor não possui, entrega-se - servir é melhor do que conquistar. Pois quando não há amor, a vida é triste, é triste solidão. Obrigado!

Sala Paulo VI

Quarta-feira, 24 de janeiro de 2024

5 - A avareza

Prezados irmãos e irmãs, bom dia!

Dando continuidade às catequeses sobre os vícios e as virtudes, hoje falamos da avareza, ou seja, daquela forma de apego ao dinheiro que impede que o homem seja generoso.

Não é um pecado que diz respeito unicamente às pessoas que possuem grandes bens, mas é um vício transversal, que muitas vezes não tem nada a ver com o saldo da conta corrente. É uma doença do coração, não da carteira.

As análises que os padres do deserto fizeram sobre este mal demonstraram como a avareza podia apoderar-se até de monges que, depois de ter renunciado a enormes heranças, na solidão da sua cela apegaram-se a objetos de pouco valor: não os emprestavam, não os compartilhavam e muito menos estavam dispostos a dá-los. Um apego a coisas pequenas, que tira a liberdade. Aqueles objetos tornaram-se para eles uma espécie de fetiche, do qual era impossível desligar-se. Uma espécie de regressão à idade das crianças, que se agarram ao brinquedo, repetindo: “É meu, é meu!”. Nesta reivindicação aninha-se uma relação doentia com a realidade, que pode levar a formas de apropriação compulsiva ou de acumulação patológica.

Para curar esta doença, os monges propunham um método drástico, mas deveras eficaz: a meditação sobre a morte. Por mais que uma pessoa acumule bens neste mundo, de uma coisa estamos absolutamente certos: que eles não caberão no caixão. Não podemos levar os bens conosco! Eis que se revela a insensatez deste vício. O vínculo de posse que construímos com as coisas é apenas aparente, pois não somos donos do mundo: na verdade, esta terra que amamos não é nossa, e movemo-nos nela como forasteiros e peregrinos (cf. *Lv* 25, 23).

Estas simples considerações levam-nos a intuir a loucura da avareza, mas também a sua razão mais recôndita. Ela é uma tentativa de exorcizar o medo da morte: procura seguranças que na realidade se desfazem no exato momento em que nos agarramos a elas. Recordais a parábola daquele homem insensato, cujo campo tinha oferecido uma colheita deveras abundante e que, por isso, se deixa embalar por pensamentos sobre o modo como ampliar o seu armazém para aí colocar toda a safra. Aquele homem calculou tudo, programou o futuro. No entanto, não teve em consideração a variável mais segura da vida: a morte. «Insensato - diz o Evangelho - esta mesma noite ser-te-á pedida a vida. E o que acumulaste, de quem será?» (*Lc* 12, 20).

Noutros casos, são os ladrões que nos prestam este serviço. Inclusive nos Evangelhos eles são citados várias vezes e, embora as suas ações sejam censuráveis, podem tornar-se uma admoestação salutar. Assim prega Jesus no sermão da montanha: «Não acumuleis tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem os corroem e os ladrões arrombam os muros a fim de os roubar. Acumulai tesouros no céu, onde nem a traça nem a ferrugem os corroem, nem os ladrões arrombam os muros, a fim de os roubar» (*Mt* 6, 19-20). Ainda nas narrações dos padres do deserto, conta-se a vicissitude de um ladrão que surpreende o monge durante o sono, roubando-lhe os poucos bens que guardava na cela. Quando acorda, sem se perturbar com o que tinha acontecido, o monge põe-se no encalço do ladrão e, quando o encontra, em vez de reclamar os bens roubados, entrega-lhe as poucas coisas que lhe restam, dizendo: “Esqueceste de pegar nisto!”.

Irmãos e irmãs, podemos ser senhores dos bens que possuímos, mas muitas vezes acontece o contrário: são eles que acabam por nos possuir. Alguns ricos já não são livres, nem sequer têm tempo para descansar, devem estar atentos porque a acumulação de bens também exige a sua guarda. Estão sempre ansiosos, porque um património se constrói com muito suor, mas pode desaparecer num instante. Esquecem-se da pregação evangélica, que não afirma que as riquezas em si são um pecado, mas certamente constituem uma responsabilidade. Deus não é pobre: é o Senhor de tudo, mas - escreve São Paulo - «de rico que era, fez-se pobre por vós, para que vos tornásseis ricos pela sua pobreza» (*2 Cor* 8, 9).

É isto que o avarento não compreende. Podia ser motivo de bênção para muitos, mas ao contrário acabou no beco sem saída da infelicidade. E a vida do avarento é terrível. Lembro-me do caso de um senhor que conheci na outra diocese, um homem muito rico, que tinha a mãe doente. Era casado. Um de cada vez, os irmãos tomavam conta da mãe, e de manhã a mãe comia um iogurte. Aquele senhor dava-lhe metade de manhã, para lhe dar a outra metade à tarde e poupar meio iogurte. É assim a avareza, é assim o apego aos bens. Depois, aquele senhor morreu e o comentário das pessoas que foram ao velório foi este: “Mas vê-se que este homem não leva nada consigo, deixou tudo”. E depois, com um pouco de troça, diziam: “Não, não, não podiam fechar o caixão porque queria levar tudo consigo”. É isto que, da avareza, leva os outros a rir: que no fim devemos dar o nosso corpo e a nossa alma ao Senhor, deixando tudo. Tenhamos cuidado! E sejamos generosos, generosos com todos e generosos com aqueles que mais precisam de nós. Obrigado!

Sala Paulo VI

Quarta-feira, 31 de janeiro de 2024

6 - A ira

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

Nestas semanas abordamos o tema dos vícios e das virtudes, e hoje refletimos sobre o vício da ira. Trata-se de um vício particularmente tenebroso, e talvez seja o mais simples de identificar do ponto de vista físico. A pessoa dominada pela ira tem dificuldade de esconder este ímpeto: reconhecemo-lo pelos movimentos do seu corpo, pela agressividade, pela respiração ofegante, pelo olhar sombrio e carrancudo.

Na sua manifestação mais penetrante, a ira é um vício que não dá tréguas. Se nasce de uma injustiça sofrida (ou assim considerada), muitas vezes não se desencadeia contra o culpado, mas contra o primeiro desventurado. Há homens que reprimem a ira no lugar de trabalho, demonstrando-se calmos e tranquilos, mas, quando chegam a casa, tornam-se insuportáveis para a esposa e os filhos. A ira é um vício alastrante: é capaz de tirar o sono e de nos levar a tramar em continuação na mente, sem conseguir encontrar uma barreira aos raciocínios e aos pensamentos.

A ira é um vício *destrutivo das relações humanas*. Exprime a incapacidade de aceitar a diversidade do outro, especialmente quando as suas escolhas de vida divergem das nossas. Não se limita aos comportamentos errados de uma pessoa, mas lança tudo no caldeirão: é o outro, o outro tal como ele é, o outro enquanto tal que provoca a raiva e o ressentimento. Começa-se a detestar o tom da sua voz, os gestos banais do dia a dia, os seus modos de raciocinar e de sentir.

Quando a relação chega a este nível de degeneração, já se perdeu a lucidez. A ira faz perder a lucidez. Pois às vezes uma das características da ira é a de não conseguir atenuar-se com o tempo. Nestes casos, até a distância e o silêncio, em vez de acalmar o peso dos desentendimentos, aumentam-no. É por este motivo que o apóstolo Paulo – como ouvimos –

recomenda aos seus cristãos que enfrentem imediatamente o problema e busquem a reconciliação: «*Que o sol não se ponha sobre a vossa ira*» (Ef 4, 26). É importante que tudo se dissolva imediatamente, antes que o sol se ponha. Se durante o dia pode surgir algum desentendimento, e duas pessoas já não conseguirem compreender-se, sentindo-se repentinamente distantes, a noite não deve ser confiada ao diabo. O vício manter-nos-ia acordados na escuridão, a remoer as nossas razões e os erros indescritíveis, que nunca são nossos, sempre do outro. É assim: quando uma pessoa é dominada pela ira, diz sempre que o problema é do outro; nunca é capaz de reconhecer os próprios defeitos, as próprias falhas.

No “Pai-Nosso”, Jesus faz-nos rezar pelas nossas relações humanas, que são um terreno minado: um plano que nunca está em perfeito equilíbrio. Na vida lidamos com devedores que estão em falta para conosco; assim como nós certamente nem sempre amamos todos na medida certa. A alguém não restituímos o amor que lhe era devido. Somos todos pecadores, todos, e todos temos a conta no vermelho: não o esqueçamos! Por isso, todos devemos aprender a perdoar para ser perdoados. Os homens não permanecem juntos, se não se exercitarem também na arte do perdão, na medida do que for humanamente possível. O que impede a ira é a benevolência, a abertura de coração, a mansidão, a paciência.

Mas, a propósito da ira, há uma última coisa a dizer. É um vício terrível, dizia-se, está na origem de guerras e violências. O prefácio da *Ilíada* descreve “a ira de Aquiles”, que será causa de “lutos infinitos”. Porém, nem tudo o que nasce da ira está errado. Os antigos estavam bem conscientes de que em nós subsiste uma parte irascível, que não pode nem deve ser negada. As paixões são, em certa medida, inconscientes: acontecem, são experiências da vida. Não somos responsáveis pelo nascimento da ira, mas sempre pelo seu desenvolvimento. E às vezes é bom que a ira seja desabafada de maneira correta. Se uma pessoa nunca se irasse, se não se indignasse diante de uma injustiça, se perante a opressão de uma pessoa frágil não sentisse tremer algo nas suas entranhas, então isto significaria que aquela pessoa não é humana, e muito menos cristã.

Existe a santa indignação, que não é a ira, mas sim um movimento interior, a santa indignação. Jesus conheceu-a várias vezes na sua vida (cf.

Mc 3, 5): nunca respondeu ao mal com o mal, mas na sua alma teve este sentimento e, no caso dos mercadores do Templo, realizou uma ação forte e profética, ditada não pela ira, mas pelo zelo pela casa do Senhor (cf. *Mt 21, 12-13*). Devemos distinguir bem: uma coisa é o zelo, a santa indignação; outra é a ira, que é má.

Compete a nós, com a ajuda do Espírito Santo, encontrar a medida certa das paixões, educá-las adequadamente, a fim de que se voltem para o bem, não para o mal. Obrigado!

Sala Paulo VI

Quarta-feira, 7 de fevereiro de 2024

7 - A tristeza

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

No nosso itinerário de catequeses sobre os vícios e as virtudes, hoje meditamos sobre um vício bastante negativo, a tristeza, entendida como um abatimento da alma, uma aflição constante que impede o homem de sentir alegria pela sua existência.

Em primeiro lugar, é preciso observar que, no que diz respeito à tristeza, os Padres elaboraram uma distinção importante. Com efeito, existe uma tristeza que convém à vida cristã e que, com a graça de Deus, se transforma em alegria: evidentemente, ela não deve ser rejeitada e faz parte do caminho de conversão. Mas existe também uma segunda figura de tristeza, que *se insinua na alma, prostrando-a num estado de desânimo*: é este segundo tipo de tristeza que deve ser combatido com determinação e com toda a força, porque deriva do Maligno. Encontramos esta distinção também em São Paulo que, escrevendo aos Coríntios, diz: «A tristeza segundo Deus produz um arrependimento irrevogável que leva à salvação, enquanto a tristeza do mundo produz a morte» (2 Cor 7, 10).

Portanto, existe uma tristeza amiga, que nos conduz à salvação. Pensemos no filho pródigo da parábola: quando toca o fundo da sua degeneração, sente grande amargura, que o leva a recuperar a razão e a decidir regressar para a casa do pai (cf. Lc 15, 11-20). É uma graça gemer sobre os próprios pecados, recordar o estado de graça do qual caímos, chorar porque perdemos a pureza com que Deus nos sonhou.

Mas há uma segunda tristeza que, ao contrário, é *uma doença da alma*. Nasce no coração do homem, quando se esvaece um desejo ou uma esperança. Aqui podemos referir-nos à narração dos discípulos de Emaús. Aqueles dois discípulos partem de Jerusalém com o coração desiludido e, ao desconhecido que os acompanha, a uma certa altura confidenciam:

«Esperávamos que ele - isto é, Jesus – haveria de libertar Israel» (Lc 24, 21). A dinâmica da tristeza está ligada à *experiência da perda*. No coração do homem nascem esperanças que, às vezes, são frustradas. Pode ser o desejo de possuir algo que, ao contrário, não se consegue obter; mas também algo importante, como a perda de um afeto. Quando isto acontece, é como se o coração do homem caísse num precipício, e os sentimentos que experimenta são desânimo, fraqueza de espírito, depressão, angústia. Todos passamos por provações que geram tristeza em nós, porque a vida nos faz conceber sonhos que depois se desfazem. Nesta situação alguns, depois de um período de turbulência, confiam na esperança; mas outros mergulham na melancolia, deixando que ela apodreça o coração. Sente-se prazer com isto? Reparai: a tristeza é como *o prazer do não-prazer*; é como pegar num doce amargo, sem açúcar, mau e comer este doce. A tristeza é um prazer do não-prazer.

O monge Evágrio conta que todos os vícios visam um prazer, por mais efêmero que possa ser, ao passo que a tristeza goza do oposto: *embalar-se numa dor sem fim*. Certos lutos prolongados, em que a pessoa continua a ampliar o vazio de quem já não está presente, não são próprios da vida no Espírito. Certas amarguras rancorosas, em que a pessoa tem sempre em mente uma reivindicação que a faz assumir o papel de vítima, não produzem em nós uma vida sadia, e muito menos cristã. Há algo no passado de todos que deve ser curado. A tristeza, de uma emoção natural, pode transformar-se num estado de espírito maligno.

A tristeza é um demónio perverso. Os Padres do deserto descrevem-no como um verme do coração, que corrói e esvazia o hóspede. Esta imagem é bonita, faz-nos compreender. Então, o que devo fazer quando estou triste? Parar e pensar: é uma tristeza boa? Não é uma tristeza boa? E reagir de acordo com a natureza da tristeza. Não vos esqueçais que a tristeza pode ser algo muito mau, que nos leva ao pessimismo, que nos conduz a um egoísmo dificilmente curável.

Irmãos e irmãs, devemos prestar atenção a esta tristeza e pensar que Jesus nos traz a alegria da ressurreição. Por mais que a vida possa ser cheia de contradições, de desejos derrotados, de sonhos não realizados, de amizades perdidas, graças à ressurreição de Jesus podemos acreditar que

tudo será salvo. Jesus não ressuscitou só para si mesmo, mas também para nós, a fim de resgatar toda a felicidade que na nossa vida ficou incompleta. A fé expulsa o medo, e a ressurreição de Cristo remove a tristeza como a pedra do sepulcro. Cada dia do cristão é um exercício de ressurreição. No seu famoso romance *Diário de um pároco de aldeia*, Georges Bernanos faz com que o pároco de Torcy diga o seguinte: «A Igreja dispõe da alegria, de toda a alegria que está reservada a este mundo triste. O que fizestes contra ela, fizestes contra a alegria». E outro escritor francês, León Bloy, deixou-nos esta frase maravilhosa: «Só há uma tristeza [...] a de não ser santo!». Que o Espírito de Jesus ressuscitado nos ajude a vencer a tristeza com a santidade.

Sala Paulo VI

Quarta-feira, 14 de fevereiro de 2024

8 - A acídia

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

Entre todos os vícios capitais, há um que muitas vezes passa em silêncio, talvez por causa do seu nome, que para muitos é pouco compreensível: refiro-me à *acédia*. Por isso, no catálogo dos vícios, o termo *acédia* é muitas vezes substituído por outro, de uso muito mais comum: a preguiça. Na realidade, a preguiça é mais um efeito do que uma causa. Quando uma pessoa está inativa, indolente, apática, dizemos que é preguiçosa. Mas, como ensina a sabedoria dos antigos Padres do deserto, muitas vezes a raiz de tal preguiça é a *acédia*, que do grego significa literalmente “falta de cuidado”.

Trata-se de uma tentação muito perigosa, com a qual não se deve brincar. As suas vítimas são como que esmagadas por um desejo de morte: sentem aversão por tudo; a sua relação com Deus torna-se tediosa; e até os atos mais santos, que no passado lhes aqueciam o coração, agora parecem-lhes totalmente inúteis. A pessoa começa a lamentar a passagem do tempo e a juventude que ficou irremediavelmente para trás.

A *acédia* é definida como o “demónio do meio-dia”: apanha-nos no meio do dia, quando o cansaço está no seu auge e as horas que se seguem nos parecem monótonas, impossíveis de viver. Numa descrição célebre, o monge Evágrio representa esta tentação do seguinte modo: «O olho do preguiçoso está continuamente fixo nas janelas, e na sua mente imagina visitantes [...] Quando lê, o preguiçoso boceja muitas vezes e é facilmente vencido pelo sono, esfrega os olhos e as mãos e, afastando o olhar do livro, fixa a parede; depois, volta a olhar para o livro, lê mais um pouco [...]; por fim, inclinando a cabeça, põe o livro debaixo dela, adormece num sono leve, até que a fome o desperte e o obrigue a atender às suas necessidades»; concluindo, «o preguiçoso não realiza a obra de Deus com solicitude» [1].

Os leitores contemporâneos vislumbram nestas descrições algo que lembra muito o mal da depressão, tanto do ponto de vista psicológico como filosófico. Com efeito, para quem é apanhado pela acédia, a vida perde o significado, rezar é tedioso, cada batalha parece insensata. Se alimentamos paixões na nossa juventude, agora elas parecem ilógicas, sonhos que não nos tornaram felizes. Então, deixamo-nos levar e a distração, o não-pensar, parecem ser a única saída: gostaríamos de ficar atordoados, ter a mente completamente vazia... É um pouco como morrer antecipadamente, e é horrível!

Perante este vício, que nos damos conta que é muito perigoso, os mestres da espiritualidade preveem vários remédios. Gostaria de salientar o que me parece ser o mais importante, e que chamaria *a paciência da fé*. Se, sob o açoite da acédia, o desejo do homem é estar “noutro lugar”, fugir da realidade, é preciso ter a coragem de permanecer e de acolher a presença de Deus no meu “aqui e agora”, na minha situação tal como ela é. Os monges dizem que, para eles, a cela é a melhor mestra de vida, pois é o lugar que nos fala concreta e quotidianamente da nossa história de amor com o Senhor. O demónio da acédia quer destruir precisamente esta alegria simples do aqui e agora, o temor grato da realidade; quer fazer-nos acreditar que tudo é vão, que nada tem sentido, que não vale a pena preocupar-nos com nada e com ninguém. Na vida encontramos pessoas “preguiçosas”, pessoas de quem dizemos: “Mas ele é tedioso!” e não gostamos de estar com ele; pessoas que têm também uma atitude de aborrecimento que contagia. A acédia é assim!

Quantas pessoas, dominadas pela acédia, movidas por uma inquietação sem rosto, abandonaram insensatamente o caminho do bem que tinham empreendido! A acédia é uma batalha decisiva, que deve ser vencida custe o que custar. E é uma batalha que *não poupou nem sequer os santos*, pois em muitos dos seus diários há várias páginas que confidenciam momentos tremendos, de verdadeiras noites da fé, onde tudo parecia obscuro. Estes santos e santas ensinam-nos a atravessar a noite com paciência, aceitando *a pobreza da fé*. Recomendam que, sob a opressão da acédia, nos empenhemos menos, fixemos objetivos mais ao alcance, mas ao mesmo tempo, que suportemos e perseveremos, apoiando-nos em Jesus, que nunca abandona na tentação.

A fé, atormentada pela prova da acédia, não perde o seu valor. Pelo contrário, é a verdadeira fé, a fé deveras humana, que apesar de tudo, não obstante as trevas que a cegam, continua a acreditar humildemente. É esta fé que permanece no coração, como as brasas sob as cinzas. Permanecem sempre. E se algum de nós cair neste vício ou na tentação da acédia, procure olhar para dentro de si e conservar as brasas da fé: é assim que se vai em frente!

* * *_

[1] Evágrio Pôntico, *Os oito espíritos da maldade*, 14

Sala Paulo VI

Quarta-feira, 28 de fevereiro de 2024

9 - A inveja e a vanglória

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

Hoje vamos analisar dois vícios capitais que encontramos nos grandes elencos que a tradição espiritual nos deixou: a inveja e a vanglória.

Começemos pela inveja. Se lermos a Sagrada Escritura (cf. *Gn 4*), ela apresenta-se-nos como um dos vícios mais antigos: o ódio de Caim em relação a Abel desencadeia-se quando ele se dá conta de que os sacrifícios do seu irmão são agradáveis a Deus. Caim era o primogênito de Adão e Eva, tinha recebido a parte mais importante da herança do pai; no entanto, é suficiente que Abel, o irmão mais novo, alcance um pequeno sucesso, para que Caim se indigne. O rosto do invejoso é sempre triste: o olhar é cabisbaixo, parece que perscruta continuamente o terreno, mas na realidade não vê nada, porque a mente está mergulhada em pensamentos cheios de maldade. A inveja, se não for controlada, leva ao ódio pelo outro. Abel será morto pelas mãos de Caim, que não era capaz de suportar a felicidade do irmão.

A inveja é um mal investigado não apenas no âmbito cristão: chamou a atenção de filósofos e sábios de todas as culturas. Na sua base existe uma relação de ódio e de amor: quer-se o mal do outro, mas secretamente deseja-se ser como ele. O outro é a epifania daquilo que gostaríamos de ser e que, na realidade, não somos. A sua sorte parece-nos uma injustiça: certamente - pensamos - teríamos merecido muito mais os seus sucessos ou a sua boa sorte!

Na raiz deste vício há uma falsa ideia de Deus: não aceitamos que Deus tenha a sua “matemática”, diferente da nossa. Por exemplo, na parábola de Jesus sobre os trabalhadores chamados pelo patrão para ir à vinha em diferentes horas do dia, os da primeira hora julgam ter direito a um salário mais elevado do que aqueles que chegaram por último; mas o patrão dá a

todos o mesmo salário, dizendo: «Não posso fazer das minhas coisas o que quero? *Ou tendes inveja porque sou bom?*» (Mt 20,15). Gostaríamos de impor a Deus a nossa lógica egoísta, mas a lógica de Deus é o amor. Os bens que Ele nos concede devem ser compartilhados. Por isso, São Paulo exorta os cristãos: «Amai-vos uns aos outros com afeto fraterno, concorrendo na estima recíproca» (Rm 12,10). Eis o remédio para a inveja!

E vejamos o segundo vício que hoje examinamos: a *vanglória*. Ela anda de mãos dadas com o demônio da inveja e, juntos, estes dois vícios são característicos de uma pessoa que aspira a ser o centro do mundo, livre de explorar tudo e todos, objeto de todo o louvor e amor. A vanglória é uma autoestima inflada e sem fundamento. O orgulhoso possui um “eu” despropositado: não tem empatia e não se dá conta de que há outras pessoas no mundo para além dele. As suas relações são sempre instrumentais, determinadas pelo predomínio sobre o outro. A sua pessoa, as suas conquistas, os seus sucessos devem ser exibidos a todos: é um perene mendigo de atenção. E se, às vezes, as suas qualidades não são reconhecidas, então zanga-se ferozmente. Os outros são injustos, não compreendem, não estão à altura. Nos seus escritos, Evágrio Pôntico descreve a amarga vicissitude de alguns monges acometidos pela vanglória. Acontece que, após os primeiros êxitos na vida espiritual, ele sente que já está realizado e então precipita-se no mundo para receber os seus elogios. Mas não compreende que está apenas no início do caminho espiritual, e que a tentação está à espreita e não tardará a abatê-lo.

Para curar o vaidoso, os mestres espirituais não sugerem muitos remédios. Porque, afinal de contas, o mal da vaidade tem o seu remédio em si mesmo: os elogios que o vaidoso esperava receber do mundo depressa se voltarão contra ele. E quantas pessoas, iludidas por uma falsa imagem de si próprias, caíram depois em pecados de que rapidamente se envergonhariam!

A melhor instrução para vencer a vanglória encontra-se no testemunho de São Paulo. O Apóstolo sempre se confrontou com um defeito que nunca conseguiu superar. Por três vezes, pediu ao Senhor que o libertasse desse suplício, mas no fim Jesus respondeu-lhe: «Basta-te a minha graça, porque a força se manifesta plenamente na fraqueza». A partir daquele dia, Paulo foi libertado. E a sua conclusão deveria tornar-se também a nossa: «Por

isso, é de bom grado que me orgulharei das minhas fraquezas, para que o poder de Cristo permaneça em mim» (2 *Cor* 12, 9).

Praça São Pedro

Quarta-feira, 6 de março de 2024

10 - A soberba

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

No nosso percurso de catequeses sobre os vícios e as virtudes, hoje chegamos ao último dos vícios: a *soberba*. Os gregos antigos definiam-na com um vocábulo que poderia ser traduzido como “esplendor excessivo”. Com efeito, a soberba é autoexaltação, presunção, vaidade. O termo consta também daquela série de vícios que Jesus enumera para explicar que o mal deriva sempre do coração do homem (cf. *Mc* 7, 22). O soberbo é quem se julga muito mais do que é na realidade; quem anseia por ser reconhecido como maior do que os outros, quer ver sempre reconhecidos os seus próprios méritos e despreza os outros, considerando-os inferiores. A partir desta primeira descrição, vemos que o vício da soberba está muito próximo da vanglória, que já foi apresentada na última vez. No entanto, se a vanglória é uma doença do ego humano, não deixa de ser uma enfermidade infantil quando a comparamos com a devastação de que a soberba é capaz. Analisando as loucuras do homem, os monges da antiguidade reconheciam uma certa ordem na sequência dos males: começa-se pelos pecados mais rudes, como a gula, para depois chegar aos monstros mais inquietantes. *De todos os vícios, a soberba é a grande rainha*. Não é por acaso que, na Divina Comédia, Dante a insere exatamente no primeiro quadro do purgatório: quem cede a este vício está longe de Deus, e a emenda deste mal exige tempo e esforço, mais do que qualquer outra batalha a que o cristão é chamado. Na realidade, neste mal esconde-se o pecado radical, a pretensão absurda de ser como Deus. O pecado dos nossos antepassados, narrado no livro do Génesis é, para todos os efeitos, um pecado de soberba. O tentador diz-lhes: «Quando comerdes dele, os vossos olhos abrir-se-ão e sereis como Deus» (*Gn* 3, 5). Os escritores de espiritualidade estão mais atentos a descrever as repercussões da soberba na vida de todos os dias, a explicar como ele arruína as relações humanas, a realçar como este mal envenena o sentimento de fraternidade que, pelo contrário, deveria unir os

homens. Eis, pois, a longa lista de sintomas que revelam a cedência da pessoa ao vício da soberba. Trata-se de um mal com evidente aspeto físico: o soberbo é altivo, tem a “cerviz dura”, ou seja, um pescoço rígido, que não se dobra. É um homem que julga facilmente e com desdém: por nada emite sentenças irrevogáveis contra outros, que lhe parecem irremediavelmente inábeis e incapazes. Na sua arrogância, esquece-se que, nos Evangelhos, Jesus nos atribuiu poucos preceitos morais, mas num deles mostrou-se intransigente: nunca julgar. Percebemos que lidamos com um orgulhoso quando, fazendo-lhe uma pequena crítica construtiva ou uma observação completamente inofensiva, ele reage de modo exagerado, como se alguém tivesse ofendido a sua majestade: fica furioso, grita, interrompe relações com os outros de maneira ressentida. Há pouco a fazer com uma pessoa doente de soberba. É impossível falar com ela, e muito menos corrigi-la, porque afinal ela já não está presente em si. É preciso ter paciência com ela, porque um dia o seu edifício desabarará. Um provérbio italiano diz: “A soberba vai a cavalo e volta a pé”. Nos Evangelhos, Jesus encontra muitas pessoas soberbas e, muitas vezes, foi desenterrar este vício até em pessoas que o escondiam muito bem. Pedro ostenta a sua fidelidade até ao fim: «Ainda que todos te abandonem, eu não o farei!» (cf. *Mt* 26, 33). Mas em breve fará a experiência de ser como os outros, também ele assustado perante a morte, que não imaginava tão próxima. E assim o segundo Pedro, aquele que já não levanta o queixo, mas derrama lágrimas salgadas, será medicado por Jesus e estará finalmente em condições de suportar o peso da Igreja. Primeiro, ostentava uma presunção que era melhor não manifestar; agora, pelo contrário, é um discípulo fiel a quem, como diz uma parábola, o senhor pode «confiar todos os seus bens» (*Lc* 12, 44). A salvação passa pela humildade, verdadeiro remédio para qualquer ato de soberba. No *Magnificat*, Maria entoava um cântico ao Deus que, com o seu poder, dispersa os soberbos nos pensamentos doentios do coração. É inútil roubar algo a Deus, como pretendem os soberbos, porque afinal Ele deseja dar-nos tudo. Por isso o apóstolo Tiago, dirigindo-se à sua comunidade ferida por lutas internas derivadas do orgulho, escreve: «Deus resiste aos soberbos, mas aos humildes concede a sua graça» (*Tg* 4, 6). Portanto, amados irmãos e irmãs, aproveitemos esta Quaresma para lutar contra a nossa soberba.

Praça São Pedro

Quarta-feira, 13 de março de 2024

11 - O agir virtuoso

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

Depois de ter concluído a panorâmica sobre os vícios, chegou o momento de dirigir o olhar para o quadro simétrico, que se opõe à experiência do mal. O coração do homem pode ceder às más paixões, pode dar ouvidos a tentações nocivas disfarçadas sob vestes convincentes, mas também pode opor-se a tudo isto. Por mais difícil que seja, o ser humano foi feito para o bem, que o realiza verdadeiramente, e pode também praticar esta arte, fazendo com que certas disposições se tornem permanentes nele ou nela. A reflexão sobre esta nossa maravilhosa possibilidade constitui um capítulo clássico da filosofia moral: o capítulo das *virtudes*.

Os filósofos romanos chamavam-lhe *virtus*, os gregos, *areté*. O termo latino realça sobretudo que a pessoa virtuosa é forte, corajosa, capaz de disciplina e ascese; por isso, o exercício das virtudes é fruto de uma longa germinação, que exige esforço e até sofrimento. Por outro lado, a palavra grega *aretéindica* algo que excede, que emerge, que suscita admiração. Portanto, a pessoa virtuosa é aquela que não se desvirtua, deformando-se, mas é fiel à sua vocação, realiza-se plenamente.

Estariamos no caminho errado se pensássemos que os santos são exceções da humanidade: uma espécie de círculo restrito de campeões que vivem além dos limites da nossa espécie. Nesta perspectiva que acabamos de introduzir sobre as virtudes, os santos são sobretudo aqueles que se tornam plenamente eles mesmos, que realizam a vocação própria de cada homem. Como o mundo seria feliz, se a justiça, o respeito, a benevolência mútua, a abertura de espírito e a esperança fossem a normalidade compartilhada, e não uma rara anomalia! Por isso, o capítulo do agir virtuoso, nestes nossos tempos dramáticos em que muitas vezes nos confrontamos com o pior do humano, deveria ser redescoberto e praticado por todos. Num mundo

deformado, devemos recordar o modo como fomos moldados, a imagem de Deus que está impressa para sempre em nós.

Mas como podemos definir o conceito de virtude? O *Catecismo da Igreja Católica* oferece-nos uma definição exata e concisa: «A virtude é uma disposição habitual e firme para fazer o bem» (n. 1803). Portanto, não se trata de um bem improvisado e um pouco casual, que cai do céu de maneira episódica. A história diz-nos que até os criminosos, num momento de lucidez, praticaram boas ações; certamente, estas ações estão inscritas no “livro de Deus”, mas a virtude é outra coisa. É um bem que nasce de um lento amadurecimento da pessoa, até se tornar uma sua característica interior. A virtude é um *habitus* da liberdade. Se somos livres em cada ação, e cada vez que somos chamados a escolher entre o bem e o mal, a virtude é o que nos permite ter um hábito para a escolha certa.

Se a virtude é um dom tão bom, coloca-se imediatamente uma interrogação: *como é possível adquiri-la?* A resposta a esta pergunta não é simples, é complexa.

Para o cristão, a primeira ajuda é a graça de Deus. Com efeito, o Espírito Santo age em nós, batizados, trabalhando na nossa alma para a conduzir a uma vida virtuosa. Quantos cristãos chegaram à santidade através das lágrimas, constatando que não conseguiam superar certas debilidades! Mas experimentaram que Deus completou esta boa obra que para eles era apenas um esboço. A graça precede sempre o nosso compromisso moral!

Além disso, nunca devemos esquecer a riquíssima lição que nos vem da sabedoria dos antigos, que nos diz que *a virtude cresce e pode ser cultivada*. E para que isto aconteça, o primeiro dom do Espírito a pedir é precisamente a sabedoria. O ser humano não é um território livre para a conquista de prazeres, emoções, instintos, paixões, sem poder fazer nada contra tais forças, às vezes caóticas, que o habitam. Um dom inestimável que possuímos é a abertura mental, é a sabedoria que é capaz de aprender com os erros para orientar bem a vida. Além disso, precisamos da boa vontade: a capacidade de escolher o bem, de nos moldarmos mediante o exercício ascético, evitando os excessos.

Amados irmãos e irmãs, comecemos assim o nosso caminho através das virtudes, neste universo sereno que se apresenta exigente, mas decisivo para a nossa felicidade.

Praça São Pedro

Quarta-feira, 20 de março de 2024

12 - A prudência

Amados irmãos e irmãs, bom dia!

Dedicamos a catequese de hoje à virtude da *prudência*. Com a justiça, a fortaleza e a temperança, ela forma as chamadas virtudes cardeais, que não são prerrogativa exclusiva dos cristãos, mas pertencem à herança da sabedoria antiga, em particular dos filósofos gregos. Por isso, um dos temas mais interessantes na obra de encontro e inculturação foi precisamente o das virtudes.

Nos escritos medievais, a apresentação das virtudes não é uma simples enumeração das qualidades positivas da alma. Retomando os autores clássicos à luz da revelação cristã, os teólogos imaginaram o septenário das virtudes - três teologais e quatro cardeais - como uma espécie de organismo vivo, onde cada virtude tem um espaço harmonioso a ocupar. Há virtudes essenciais e virtudes acessórias, como pilares, colunas e capitéis. Sim, talvez nada mais do que a arquitetura de uma catedral medieval possa restituir a ideia da harmonia que existe no homem e da sua contínua tensão para o bem.

Então, começemos pela prudência. Ela não é a virtude da pessoa medrosa, sempre hesitante acerca da ação a empreender. Não, esta é uma interpretação errada. Também não se trata apenas de cautela. Conceder o primado à prudência significa que a ação do homem está nas mãos da sua *inteligência e liberdade*. A pessoa prudente é criativa: raciocina, avalia, procura compreender a complexidade da realidade, sem se deixar vencer pelas emoções, pela preguiça, pelas pressões das ilusões.

Num mundo dominado pelas aparências, pelos pensamentos superficiais, pela banalidade, tanto do bem como do mal, a antiga lição da prudência merece ser recuperada.

No sulco de Aristóteles, S. Tomás chamava-lhe “*reta ratio agibilium*”. Trata-se da capacidade de governar as ações a fim de as orientar para o bem; por isso, é denominada “cocheiro das virtudes”. Prudente é quem sabe escolher: enquanto permanece nos livros, a vida é sempre fácil, mas no meio dos ventos e das ondas do dia a dia a situação é diferente, muitas vezes sentimo-nos inseguros e não sabemos para onde ir. Quem é prudente não escolhe por acaso: em primeiro lugar, sabe o que quer, depois reflete sobre as situações, deixa-se aconselhar e, com visão ampla e liberdade interior, escolhe o caminho a seguir. Não quer dizer que não possa cometer erros - afinal, somos sempre humanos - mas pelo menos evitará grandes disparates. Infelizmente, em todos os ambientes há quem tenda a descartar os problemas com piadas superficiais ou a levantar sempre polémicas. Ao contrário, a prudência é a qualidade de quem é chamado a governar: sabe que administrar é difícil, que há muitos pontos de vista e é preciso procurar harmonizá-los, que não se deve fazer o bem de alguns, mas de todos.

A prudência ensina também que, como se costuma dizer, “o ótimo é inimigo do bem”. Com efeito, o excesso de zelo em certas situações, pode provocar desastres: pode arruinar uma construção que teria exigido gradualismo; pode gerar conflitos e mal-entendidos; pode até desencadear a violência.

A pessoa prudente sabe conservar a memória do passado, não porque tem medo do futuro, mas porque sabe que a tradição é uma herança de sabedoria. A vida é feita de constante sobreposição de realidades antigas e novas, e não é bom pensar sempre que o mundo começa a partir de nós, que devemos enfrentar os problemas a partir de zero. E a pessoa prudente é também *previdente*. Uma vez decidida a meta a atingir, há que procurar todos os meios para a alcançar.

São tantas as passagens do Evangelho que nos ajudam a educar a prudência. Por exemplo, é prudente quem constrói a casa sobre a rocha e imprudente quem a constrói sobre a areia (cf. *Mt 7, 24-27*). São sábias as donzelas que levam consigo azeite para as suas lâmpadas e insensatas aquelas que não o fazem (cf. *Mt 25, 1-13*). A vida cristã é uma combinação de simplicidade e astúcia. Preparando os seus discípulos para a missão, Jesus recomenda: «Eis que vos envio como ovelhas para o meio de lobos;

sede, pois, prudentes como as serpentes e simples como as pombas» (Mt 10, 16). Como se quisesse dizer que Deus não nos quer apenas santos, mas *santos inteligentes*, pois sem prudência é fácil errar o caminho!

Praça São Pedro

Quarta-feira, 3 de abril de 2024

13 - A justiça

Prezados irmãos e irmãs, feliz Páscoa e bom dia!

Eis-nos na segunda virtude cardeal: hoje falaremos da *justiça*. É a virtude social por excelência. O *Catecismo da Igreja Católica* define-a assim: «A virtude moral que consiste na vontade constante e firme de dar a Deus e ao próximo o que lhes é devido» (n. 1807). Eis em que consiste a justiça. Muitas vezes, quando se fala de justiça, cita-se também o lema que a representa: “*unicuique suum*”, ou seja, “a cada um o que é seu”. É a virtude do direito, que procura regular com equidade as relações entre as pessoas.

É representada alegoricamente pela balança, dado que se propõe “acertar as contas” entre os homens, sobretudo quando elas correm o risco de ser falsificadas por algum desequilíbrio. A sua finalidade é que, numa sociedade, cada um seja tratado de acordo com a própria dignidade. Mas já os antigos mestres ensinavam que para isto são necessárias também outras atitudes virtuosas, como a benevolência, o respeito, a gratidão, a afabilidade e a honestidade: virtudes que contribuem para a boa convivência entre as pessoas. A justiça é uma virtude para a boa convivência entre as pessoas.

Todos nós compreendemos que a justiça é fundamental para a convivência pacífica na sociedade: um mundo sem leis que respeitem os direitos seria um mundo no qual é impossível viver; assemelhar-se-ia a uma selva. Sem justiça, não há paz. Sem justiça, não há paz. Com efeito, se a justiça não for respeitada, geram-se conflitos. Sem justiça, consagra-se a lei da prevaricação do forte sobre os fracos, e isto não é justo!

Mas a justiça é uma virtude que age tanto no grande, como no pequeno: não diz respeito apenas às salas dos tribunais, mas também à ética que distingue a nossa vida diária. Estabelece relações sinceras com os outros: atua o preceito do Evangelho, segundo o qual o falar cristão deve ser:

«“Sim, sim”, “Não, não”; o resto vem do Maligno» (Mt 5, 37). As meias-verdades, os discursos subjetivos que procuram enganar o próximo, as reticências que ocultam as verdadeiras intenções não são atitudes conformes com a justiça. O homem justo é reto, simples e direto, não usa máscaras, apresenta-se como é, diz a verdade. A palavra “obrigado” está frequentemente nos seus lábios: sabe que, por mais que nos esforcemos por ser generosos, somos sempre devedores para com o próximo. Se amamos, é também porque primeiro fomos amados.

Na tradição, podem-se encontrar inúmeras descrições do homem justo. Vejamos algumas. O homem justo tem veneração pelas leis e respeita-as, consciente de que elas constituem uma barreira que protege os indefesos da prepotência dos poderosos. O homem justo não se preocupa apenas com o seu bem-estar individual, mas deseja o bem de toda a sociedade. Por isso, não cede à tentação de pensar só em si mesmo e de cuidar dos próprios assuntos, por mais legítimos que sejam, como se fossem a única coisa que existe no mundo. A virtude da justiça torna evidente - e coloca a exigência no coração - que para mim não pode haver verdadeiro bem, se não houver também o bem de todos.

Por isso, o homem justo vela sobre o próprio comportamento para não lesar os outros: quando erra, pede desculpa. O homem justo pede sempre perdão. Em certas situações, chega a sacrificar um bem pessoal para o pôr à disposição da comunidade. Deseja uma sociedade ordenada, onde sejam as pessoas a dar brilho aos cargos, não os cargos a dar brilho às pessoas. Abomina as preferências e não troca favores. Ama a responsabilidade e é exemplar na vida e na promoção da legalidade. Com efeito, ela é o caminho para a justiça, o antídoto contra a corrupção: como é importante educar as pessoas, especialmente os jovens, na cultura da legalidade! É o caminho para prevenir o cancro da corrupção e para debelar a criminalidade, removendo o solo debaixo dos seus pés.

Além disso, o homem justo evita comportamentos nocivos como a calúnia, o falso testemunho, a fraude, a usura, a falsidade e a desonestidade. O homem justo mantém a palavra dada, devolve o que lhe foi emprestado, reconhece o salário correto a todos os operários - o homem que não reconhece o salário correto aos operários não é justo, é injusto - tem o

cuidado de não pronunciar juízos temerários em relação ao próximo, defende a reputação e o bom nome dos outros.

Nenhum de nós sabe se no nosso mundo os homens justos são numerosos ou raros como pérolas preciosas. Mas são homens que atraem a graça e as bênçãos, tanto para si como para o mundo em que vivem. Não são perdedores em comparação com aqueles “astutos e espertos”, porque, como diz a Escritura, «quem procura justiça e amor encontrará vida e glória» (*Pr* 21, 21). Os justos não são moralistas que se revestem de censores, mas pessoas íntegras que «têm fome e sede de justiça» (*Mt* 5, 6), sonhadores que acalentam no coração o desejo de uma fraternidade universal. E deste sonho, especialmente hoje, todos nós temos grande necessidade. Devemos ser homens e mulheres justos, e é isto que nos tornará felizes!

Praça São Pedro

Quarta-feira, 10 de abril de 2024

14 - A fortaleza

Caríssimos irmãos e irmãs, bom dia!!

A catequese de hoje é dedicada à terceira das virtudes cardeais, ou seja, a fortaleza. Começemos pela descrição dada pelo Catecismo da Igreja Católica: «A fortaleza é a virtude moral que, no meio das dificuldades, assegura a firmeza e a constância na prossecução do bem. Torna firme a decisão de resistir às tentações e de superar os obstáculos na vida moral. A virtude da fortaleza dá capacidade para vencer o medo, até da morte, e enfrentar a provação e as perseguições» (n. 1808). Assim diz o Catecismo da Igreja Católica sobre a virtude da fortaleza.

Eis, pois, a mais “combativa” das virtudes. Enquanto a primeira das virtudes cardeais, isto é, a prudência, estava principalmente associada à razão do homem; e enquanto a justiça encontrava a sua morada na vontade, esta terceira virtude, a fortaleza, é frequentemente ligada pelos autores escolásticos àquilo a que os antigos chamavam o “apetite irascível”. O pensamento antigo não imaginava um homem desprovido de paixões: seria uma pedra. E as paixões não são necessariamente o resíduo de um pecado; mas devem ser educadas, devem ser orientadas, devem ser purificadas com a água do Batismo, ou melhor, com o fogo do Espírito Santo. O cristão sem coragem, que não inclina as próprias forças para o bem, que não incomoda ninguém, é um cristão inútil. Pensemos nisto! Jesus não é um Deus diáfano e assético, que desconhece as emoções humanas. Pelo contrário. Perante a morte do amigo Lázaro, desata em lágrimas; e em algumas das suas expressões transparece o seu espírito apaixonado, como quando diz: «Vim lançar fogo sobre a terra, e como gostaria que já se tivesse ateado!» (*Lc* 12, 49); e diante do comércio no templo, reage vigorosamente (cf. *Mt* 21, 12-13). Jesus tinha paixão!

Mas vejamos agora uma descrição existencial desta virtude tão importante que nos ajuda a dar frutos na vida. Os antigos - tanto os filósofos gregos como os teólogos cristãos - reconheciam na virtude da fortaleza um duplo desenvolvimento, um passivo, outro ativo.

O primeiro ocorre dentro de nós mesmos. Há inimigos internos que devemos derrotar, e o seu nome é ansiedade, angústia, medo, culpa: todas estas forças que se agitam no nosso íntimo e que, em certas situações, nos paralisam. Quantos combatentes sucumbem até antes de começar o desafio! Porque desconhecem estes inimigos interiores. A fortaleza é, antes de tudo, uma vitória contra nós próprios. A maior parte dos medos que surgem dentro de nós são irrealistas e não se concretizam de forma alguma. É melhor então invocar o Espírito Santo e enfrentar tudo com fortaleza paciente: um problema de cada vez, como formos capazes, mas não sozinhos! O Senhor está ao nosso lado, se confiarmos nele e procurarmos sinceramente o bem. Então, em todas as situações, podemos contar com a Providência de Deus para nos amparar e blindar.

E depois o segundo movimento da virtude da fortaleza, desta vez de natureza mais ativa. Além das provações internas, existem os inimigos externos, que são as provações da vida, as perseguições, as dificuldades que não esperávamos e que nos surpreendem. Com efeito, podemos procurar prever o que nos vai acontecer, mas a realidade é, em grande medida, feita de acontecimentos imponderáveis e, neste mar, às vezes, o nosso barco é arrastado pelas ondas. Assim, a fortaleza faz de nós marinheiros resistentes, que não se amedrontam nem desanimam.

A fortaleza é uma virtude fundamental porque leva a sério o desafio do mal no mundo. Alguns fingem que ele não existe, que tudo está bem, que a vontade humana não é por vezes cega, que as forças obscuras que trazem a morte não se debatem na história. Mas é suficiente folhear um livro de história, ou infelizmente até os jornais, para descobrir os atos nefastos de que somos em parte vítimas e em parte protagonistas: guerras, violências, escravatura, opressão dos pobres, feridas que nunca cicatrizaram e continuam a sangrar. A virtude da fortaleza faz-nos reagir e gritar “não”, um “não” categórico a tudo isto. No nosso Ocidente confortável, que diluiu um pouco tudo, transformando o caminho da perfeição num simples

desenvolvimento orgânico, que não tem necessidade de lutar porque tudo lhe parece igual, às vezes sentimos uma saudável nostalgia dos profetas. Mas as pessoas importunas e visionárias são deveras raras. É preciso que alguém nos faça sair do lugar macio onde nos estabelecemos e nos obrigue a repetir resolutamente o nosso “não” ao mal e a tudo aquilo que conduz à indiferença. “Não” ao mal, “não” à indiferença; “sim” ao caminho, ao caminho que nos leva a progredir, e pelo qual devemos lutar.

Então, voltemos a descobrir no Evangelho a fortaleza de Jesus, aprendendo-a com o testemunho dos santos e santas. Obrigado!

Praça São Pedro

Quarta-feira, 17 de abril de 2024

15 - A temperança

Amados irmãos e irmãs, bom dia!!

Hoje falarei sobre a quarta e última virtude cardeal: a temperança. Com as outras três, esta virtude partilha uma história muito antiga e não pertence unicamente aos cristãos. Para os gregos, a prática das virtudes tinha como objetivo a felicidade. O filósofo Aristóteles escreve o seu mais importante tratado de ética, dirigindo-o ao filho Nicómaco, para o instruir na arte de viver. Por que todos nós procuramos a felicidade e tão poucos a alcançam? Eis a pergunta. Para lhe responder, Aristóteles aborda o tema das virtudes, entre as quais ocupa um espaço de relevo a *enkráteia*, ou seja, a temperança. O termo grego significa literalmente “poder sobre si mesmo”. A temperança é o poder sobre si mesmo. Portanto, esta virtude é a capacidade de autodomínio, a arte de não se deixar arrebatar por paixões rebeldes, de pôr ordem naquilo a que Manzoni chama a “desordem do coração humano”.

O *Catecismo da Igreja Católica* diz-nos que «a temperança é a virtude moral que modera a atração dos prazeres e proporciona o equilíbrio no uso dos bens criados». «Assegura, acrescenta o Catecismo, o domínio da vontade sobre os instintos e mantém os desejos nos limites da honestidade. A pessoa temperante orienta para o bem os apetites sensíveis, guarda uma sã discrição e não se deixa arrastar pelas paixões do coração» (n. 1809).

Por conseguinte, a temperança, como diz a palavra, é a virtude da medida certa. Em todas as situações, comporta-se com sabedoria, porque as pessoas que agem sempre movidas pelo ímpeto ou pela exuberância acabam por ser inconfiáveis. As pessoas sem temperança são sempre inconfiáveis. Num mundo onde tanta gente se gaba de dizer o que pensa, a pessoa temperante prefere, ao contrário, pensar no que diz. Compreendeis a diferença? Não dizer o que me vem à mente, assim... Não, pensar no que

devo dizer. Não fazer promessas superficiais, mas assumir compromissos na medida em que os pudermos cumprir.

Inclusive em relação aos prazeres, a pessoa temperante age com juízo. O livre curso dos impulsos e a total licença concedida aos prazeres acabam por se virar contra nós próprios, levando-nos a precipitar num estado de tédio. Quantas pessoas que quiseram experimentar tudo vorazmente acabaram por perder o gosto por tudo! Então, é melhor procurar a medida certa: por exemplo, para apreciar um bom vinho, é melhor saboreá-lo em pequenos goles do que engoli-lo de uma só vez. Todos nós sabemos isto.

A pessoa temperante sabe pesar e dosear bem as palavras. Pensa no que diz. Não permite que um momento de raiva arruíne relacionamentos e amizades que depois só podem ser reconstruídos com dificuldade. Especialmente na vida familiar, onde as inibições diminuem, todos corremos o risco de não controlar tensões, irritações, raivas. Há um tempo para falar e um tempo para calar, mas ambos requerem a medida certa. E isto é válido para muitas coisas, por exemplo, estar com os outros e estar sozinho.

Se a pessoa temperante sabe controlar a sua irascibilidade, não significa necessariamente que a veremos sempre com um rosto pacífico e sorridente. Com efeito, às vezes é necessário indignar-se, mas sempre na medida certa. Eis as palavras: a *medida certa*, a *maneira certa*. Uma palavra de repreensão é por vezes mais saudável do que um silêncio azedo e rancoroso. O temperante sabe que nada é mais inconveniente do que corrigir o outro, mas sabe também que é necessário: caso contrário, dar-se-iam rédeas soltas ao mal. Em certos casos, o temperante consegue conciliar os extremos: afirma princípios absolutos, reivindica valores não negociáveis, mas sabe também compreender as pessoas e demonstra empatia por elas. Demonstra empatia.

Portanto, o dom do temperante é o equilíbrio, uma qualidade tanto preciosa quanto rara. Com efeito, tudo, no nosso mundo, impele ao excesso. Ao contrário, a temperança combina bem com atitudes evangélicas como a pequenez, a discricção, o escondimento, a mansidão. Quem é temperante aprecia a estima dos outros, mas não faz dela o único critério de cada ação e de cada palavra. É sensível, sabe chorar e não se envergonha de o fazer, mas

não chora sobre si próprio. Derrotado, levanta-se de novo; vitorioso, é capaz de regressar à sua vida escondida de sempre. Não procura aplausos, mas sabe que precisa dos outros.

Irmãos e irmãs, não é verdade que a temperança torna a pessoa cinzenta e desprovida de alegria. Pelo contrário, faz saborear melhor os bens da vida: o estar juntos à mesa, a ternura de certas amizades, a confiança com pessoas sábias, a admiração pelas belezas da criação. A felicidade com temperança é alegria que floresce no coração de quem reconhece e valoriza o que mais conta na vida. Oremos ao Senhor para que nos conceda esta dádiva: o dom da maturidade, da maturidade da idade, da maturidade afetiva, da maturidade social. O dom da temperança!

Praça São Pedro

Quarta-feira, 24 de abril de 2024

16 - A vida da graça segundo o Espírito

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!!

Nas últimas semanas, refletimos sobre as virtudes cardeais: prudência, justiça, fortaleza e temperança. São estas as quatro virtudes cardeais. Como já salientamos várias vezes, estas quatro virtudes pertencem a uma sabedoria muito antiga, estas quatro virtudes pertencem a uma sabedoria muito antiga, precedente até ao cristianismo. Já antes de Cristo, a honestidade era preconizada como dever cívico, a sabedoria como regra das ações, a coragem como ingrediente fundamental para uma vida que tende para o bem, e a moderação como medida necessária para não se deixar dominar pelos excessos. Esta herança tão antiga, legado da humanidade, não foi substituída pelo cristianismo, mas esclarecida, valorizada, purificada e integrada na fé.

Portanto, no coração de cada homem e mulher existe a capacidade de procurar o bem. O Espírito Santo é concedido para que quantos o recebem possam distinguir claramente o bem do mal, ter a força de aderir ao bem evitando o mal e, agindo assim, alcançar a plena realização pessoal.

Mas no caminho que todos percorremos rumo à plenitude da vida, que pertence ao destino de cada pessoa - o destino de cada pessoa é a plenitude, ser cheia de vida - o cristão goza de uma ajuda especial do Espírito Santo, o Espírito de Jesus. Ela é implementada com o dom de outras *três virtudes, distintamente cristãs*, que nos escritos do Novo Testamento são frequentemente mencionadas *juntas*. Estas atitudes fundamentais, que distinguem a vida do cristão, são três virtudes que agora diremos juntos: *fé, esperança e caridade*. Digamo-las juntos: [juntos] Fé, esperança... não ouço nada, mais alto! [juntos] Fé, esperança e caridade. Muito bem! Os escritores cristãos chamaram-lhes depressa virtudes “teológicas”, dado que são recebidas e vividas na relação com Deus, para as diferenciar das outras

quatro virtudes chamadas “cardeais”, uma vez que constituem a “charneira” de uma vida boa. Estas três são recebidas no Batismo e derivam do Espírito Santo. Todas, tanto as teologais como as cardeais, confrontadas em muitas reflexões sistemáticas, compuseram assim um maravilhoso septenário, que muitas vezes é oposto ao elenco dos sete vícios capitais. É assim que o *Catecismo da Igreja Católica* define a ação das virtudes teologais: «Fundamentam, animam e caracterizam o agir moral do cristão. Informam e vivificam todas as virtudes morais. São infundidas por Deus na alma dos fiéis para os tornar capazes de proceder como filhos seus e assim merecerem a vida eterna. São o penhor da presença e da ação do Espírito Santo nas faculdades do ser humano» (n. 1813).

Enquanto o risco das virtudes cardeais consiste em gerar homens e mulheres heroicos na prática do bem, mas em última análise sozinhos, isolados, o grande dom das virtudes teologais é a existência *vivida no Espírito Santo*. O cristão nunca está sozinho. Pratica o bem não por um esforço titânico de empenhamento pessoal, mas porque, como discípulo humilde, caminha atrás do Mestre Jesus. Ele vai à frente ao longo do caminho. O cristão possui as virtudes teologais que são o grande antídoto contra a autossuficiência. Quantas vezes certos homens e mulheres moralmente irrepreensíveis correm o risco de se tornarem presunçosos e arrogantes aos olhos de quem os conhece! É um perigo contra o qual bem nos alerta o Evangelho, onde Jesus recomenda aos discípulos: «Também vós, quando tiverdes feito tudo o que vos foi ordenado, dizei: “Somos servos inúteis, fizemos o que devíamos fazer”» (Lc 17, 10). A soberba é um veneno, um veneno poderoso: basta uma gota para estragar toda uma vida marcada pelo bem. Uma pessoa pode ter praticado uma montanha de boas ações, pode ter recebido reconhecimentos e louvores, mas se fez tudo isto apenas para si própria, para se exaltar, ainda pode dizer-se uma pessoa virtuosa? Não!

O bem não é apenas um fim, mas também um modo. O bem precisa de muita discrição, de muita gentileza. O bem tem necessidade sobretudo de se despojar desta presença às vezes demasiado incômoda que é o nosso “eu”. Quando o nosso “eu” está no centro de tudo, estraga tudo. Se cada ação que realizarmos na vida for apenas para nós próprios, é realmente tão

importante esta motivação? O pobre “eu” apodera-se de tudo e assim nasce a soberba.

Para corrigir todas estas situações, que às vezes se tornam penosas, as virtudes teologais são de grande ajuda. São-no sobretudo nos momentos de queda, pois às vezes até aqueles que têm bons propósitos morais caem. Na vida todos caímos, porque todos somos pecadores. Tal como até os que praticam diariamente a virtude às vezes erram - todos erramos na vida - a inteligência nem sempre é lúcida, a vontade nem sempre é firme, as paixões nem sempre são governadas, a coragem nem sempre vence o medo. Mas se abirmos o coração ao Espírito Santo - Mestre interior - Ele reaviva em nós as virtudes teologais: assim, se perdemos a confiança, Deus reabre-nos à fé - com a força do Espírito; se estamos desanimados, Deus reabre-nos à fé, se estamos desencorajados Deus desperta em nós a esperança; e se o nosso coração está empedernido, Deus suaviza-o com o seu amor. Obrigado!

Sala Paulo VI

Quarta-feira, 1º de maio de 2024

17 - A fé

Prezados irmãos e irmãs, bom dia!!

Hoje gostaria de falar sobre a virtude da *fé*. Com a caridade e a esperança, esta virtude é chamada “*teologal*”. São três as virtudes teologais: fé, esperança e caridade. Por que são teologais? Porque só podem ser vividas graças ao dom de Deus. As três virtudes teologais são os grandes dons que Deus concede à nossa capacidade moral. Sem elas, poderíamos ser prudentes, justos, fortes e temperantes, mas não teríamos olhos que veem até no escuro, não teríamos um coração que ama até quando não é amado, não teríamos uma esperança que ousa contra toda a esperança.

O que é a fé? O *Catecismo da Igreja Católica* explica-nos que a fé é o ato com que o ser humano se abandona livremente a Deus (n. 1814). Nesta fé, Abraão foi o grande pai. Quando aceitou deixar a terra dos seus antepassados para se dirigir rumo à terra que Deus lhe teria indicado, provavelmente foi julgado louco: por que deixar o conhecido pelo desconhecido, o certo pelo incerto? Por que fazer isto? É louco? Mas Abraão põe-se a caminho, como se visse o invisível. É o que a Bíblia diz de Abraão: “Partiu, como se visse o invisível”. Isto é lindo! E será ainda este invisível que o fará subir à montanha com o seu filho Isaac, o único filho da promessa, que só no último momento será poupado ao sacrifício. Nesta fé, Abraão torna-se o pai de uma longa linhagem de filhos. A fé tornou-o fecundo.

Homem de fé será Moisés que, aceitando a voz de Deus até quando mais do que uma dúvida o podia abalar, continuou a manter-se firme e a confiar no Senhor, e até a defender o povo a quem, pelo contrário, muitas vezes faltava a fé.

Mulher de fé será a Virgem Maria que, recebendo o anúncio do Anjo, que muitos teriam rejeitado como demasiado exigente e arriscado,

responde: «Eis a serva do Senhor: faça-se em mim segundo a tua palavra» (Lc 1, 38). E com o coração cheio de fé, com o coração repleto de confiança em Deus, Maria põe-se a caminho por uma estrada da qual não conhece nem o trajeto nem os perigos.

A fé é a virtude que faz o cristão. Pois ser cristão não consiste antes de mais em aceitar uma cultura, com os valores que a acompanham, mas ser cristão significa acolher e preservar um vínculo, um vínculo com Deus: eu e Deus; a minha pessoa e o rosto amável de Jesus. É este vínculo que nos torna cristãos.

A propósito de fé, vem-me à mente um episódio do Evangelho. Os discípulos de Jesus atravessam o lago e são surpreendidos por uma tempestade. Pensam que conseguirão salvar-se com a força dos seus braços, com os recursos da experiência, mas o barco começa a encher-se de água e entram em pânico (cf. Mc 4, 35-41). Não se dão conta de que têm a solução diante dos olhos: Jesus está ali com eles no barco, no meio da tempestade, e Jesus dorme, diz o Evangelho. Quando finalmente o acordam, assustados e até zangados porque Ele os deixa morrer, Jesus repreende-os: «Por que tendes medo? *Ainda não tendes fé?*» (Mc 4, 40).

Eis, portanto, o grande inimigo da fé: não é a inteligência, não é a razão, como, infelizmente, alguns continuam a repetir obsessivamente, mas o grande inimigo da fé é o medo. Por isso, a fé é o primeiro dom a receber na vida cristã: um dom que deve ser acolhido e pedido diariamente, para que se renove em nós. Aparentemente, é um dom pequeno, mas é essencial. Quando fomos levados à pia batismal, os nossos pais, depois de terem anunciado o nome que tinham escolhido para nós, foram interrogados pelo sacerdote – foi isto que aconteceu no nosso Batismo - «O que pedis à Igreja de Deus?». E os pais responderam: «A fé, o batismo!».

Para um pai cristão, consciente da graça que lhe foi concedida, é este o dom a pedir também para o seu filho: a fé. Com ela, o pai sabe que, até no meio das provações da vida, o seu filho não se afogará no medo. Eis, o inimigo é o medo. Sabe também que, quando deixar de ter um pai nesta terra, continuará a ter um Deus Pai no céu, que nunca o abandonará. O nosso amor é tão frágil, e só o amor de Deus vence a morte!

Certamente, como diz o Apóstolo, a fé não é de todos (cf. 2 Ts 3, 2), e até nós, que somos crentes, muitas vezes sentimos que a temos em pouca quantidade. Muitas vezes, Jesus pode repreender-nos, como fez com os seus discípulos, por sermos “homens de pouca fé”. No entanto, é o dom mais feliz, a única virtude que nos é permitido invejar. Pois quem tem fé é habitado por uma força que não é apenas humana; com efeito, a fé “desencadeia” em nós a graça e abre a mente ao mistério de Deus. Como certa vez Jesus disse: «Se tivésseis fé como um grão de mostarda, poderíeis dizer a esta amoreira: “Desarraiga-te e planta-te no mar”, e ela obedecer-vos-ia» (Lc 17, 6). Por isso, também nós, como os discípulos, lhe repetimos: Senhor, aumenta a nossa fé! (cf. Lc 17, 5) É uma linda oração! Digamo-la todos juntos? “Senhor, aumenta a nossa fé”. Digamo-la juntos: [todos] “Senhor, aumenta a nossa fé”. Demasiado fraco, um pouco mais alto: [todos] “Senhor, aumenta a nossa fé!”. Obrigado!

APELO

Não nos esqueçamos de rezar pela paz: oremos pelos povos que são vítimas da guerra. A guerra é sempre uma derrota, sempre! Pensemos na martirizada Ucrânia, que tanto sofre. Pensemos nos habitantes da Palestina e de Israel, que estão em guerra. Pensemos nos Rohingya, em Myanmar, e peçamos a paz. Peçamos uma paz verdadeira para estes povos e para o mundo inteiro. Infelizmente, hoje, os investimentos que dão mais lucro são as fábricas de armas. É terrível, ganhar dinheiro com a morte. Peçamos a paz, que a paz prevaleça!

Praça São Pedro

Quarta-feira, 8 de maio de 2024

18 - A esperança

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!!

Na última catequese, demos início à reflexão sobre as virtudes teologais. São três: fé, esperança e caridade. Da última vez refletimos sobre a fé, hoje é a vez da esperança. «A esperança é a virtude teologal pela qual desejamos o Reino dos céus e a vida eterna como nossa felicidade, pondo toda a nossa confiança nas promessas de Cristo e apoiando-nos não nas nossas forças, mas no socorro da graça do Espírito Santo» (*Catecismo da Igreja Católica*, n. 1817). Estas palavras confirmam-nos que a esperança é a resposta oferecida ao nosso coração, quando brota em nós a pergunta absoluta: “Que será de mim? Qual é a meta da viagem? Qual é o destino do mundo?”.

Todos compreendemos que uma resposta negativa a estas perguntas produz tristeza. Se o caminho da vida não tem sentido, se não há nada no princípio e no fim, então perguntamo-nos por que deveríamos caminhar: daqui nasce o desespero do homem, a sensação da inutilidade de tudo. E muitos poderiam revoltar-se: esforcei-me por ser virtuoso, prudente, justo, forte, temperante. Fui também um homem ou uma mulher de fé... De que serviu o meu combate, se tudo acaba aqui? Se faltar a esperança, todas as outras virtudes correm o risco de se desmoronar e de acabar em cinzas. Se não existisse um amanhã fiável, um horizonte resplandecente, não restaria que concluir que a virtude é um esforço inútil. «Somente quando o futuro é certo como realidade positiva, é que se torna vivível também o presente», dizia Bento XVI (Carta Encíclica *Spe salvi*, 2).

O cristão tem esperança não por mérito próprio. Se acredita no futuro, é porque Cristo morreu, ressuscitou e nos concedeu o seu Espírito. «A redenção é-nos oferecida no sentido que nos foi dada a esperança, uma esperança fidedigna, graças à qual podemos enfrentar o nosso tempo

presente» (*ibid.*, 1). Neste sentido, dizemos mais uma vez que a esperança é uma virtude teologal: não deriva de nós, não é uma obstinação de que nos queremos convencer, mas sim um dom que vem diretamente de Deus.

A muitos cristãos céticos, que não tinham renascido completamente para a esperança, o apóstolo Paulo apresenta a nova lógica da experiência cristã: «Se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé, e ainda viveis nos vossos pecados. Por isso, até os que morreram em Cristo pereceram. Se tão somente nesta vida esperarmos em Cristo, somos os mais miseráveis de todos os homens» (1 Cor 15, 17-19). É como se dissesse: se acreditares na ressurreição de Cristo, então sabes com certeza que nenhuma derrota, nenhuma morte é para sempre. Mas se não acreditares na ressurreição de Cristo, então tudo se torna vazio, até a pregação dos Apóstolos.

A esperança é uma virtude contra a qual pecamos frequentemente: nas nossas saudades negativas, nas nossas melancolias, quando pensamos que as felicidades do passado estão enterradas para sempre. Pecamos contra a esperança, quando desanimamos diante dos nossos pecados, esquecendo que Deus é misericordioso e é maior do que o nosso coração. Não esqueçamos isto, irmãos e irmãs: Deus perdoa tudo, Deus perdoa sempre. Somos nós que nos cansamos de pedir perdão. Mas não esqueçamos esta verdade: Deus perdoa tudo, Deus perdoa sempre! Pecamos contra a esperança, quando desanimamos perante os nossos pecados; pecamos contra a esperança, quando o outono anula em nós a primavera; quando o amor de Deus deixa de ser um fogo eterno e não temos a coragem de tomar decisões que nos comprometem para toda a vida.

O mundo de hoje tem muita necessidade desta virtude cristã! O mundo precisa da esperança, assim como tem tanta necessidade da paciência, uma virtude que caminha de mãos dadas com a esperança. Os homens pacientes são tecelões de bem. Desejam obstinadamente a paz, e embora alguns tenham pressa e queiram tudo e já, a paciência tem a capacidade da espera. Até quando muitos à sua volta cederam à desilusão, quem é animado pela esperança e é paciente, torna-se capaz de atravessar as noites mais escuras. Esperança e paciência caminham de mãos dadas!

A esperança é a virtude quem é jovem de coração; e nisto, a idade não conta. Porque existem até velhos com os olhos cheios de luz, que vivem em

tensão permanente para o futuro. Pensemos naqueles dois grandes anciãos do Evangelho, Simeão e Ana: nunca se cansaram de esperar e viram o último trecho do seu caminho abençoado pelo encontro com o Messias, que reconheceram em Jesus, levado ao Templo pelos seus pais. Que felicidade, se fosse assim para todos nós! Se, depois de uma longa peregrinação, pousando alforje e cajado, o nosso coração se enchesse de uma alegria nunca antes sentida e também nós pudéssemos exclamar: «Agora, Senhor, podes deixar o teu servo / ir em paz, segundo a tua palavra, / porque os meus olhos viram a tua salvação, / preparada por ti diante de todos os povos: / luz para te revelar às nações / e glória para o teu povo, Israel» (Lc 2, 29-32).

Irmãos e irmãs, vamos em frente e peçamos a graça de ter esperança, esperança com paciência. Olhar sempre para o encontro definitivo; pensar sempre que o Senhor está perto de nós, que a morte nunca, nunca será vencedora! Vamos em frente e peçamos ao Senhor que nos conceda esta grande virtude da esperança, acompanhada pela paciência. Obrigado!

Praça São Pedro

Quarta-feira, 15 de maio de 2024

19 - A caridade

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!!

Hoje falaremos da terceira virtude teologal, a caridade. As outras duas, recordemos, são a fé e a esperança: hoje falaremos da terceira, a caridade. Ela é o ápice de todo o itinerário que percorremos nas catequeses sobre as virtudes. Pensar na caridade dilata imediatamente o coração e a mente, segundo as palavras inspiradas de São Paulo na Primeira Carta aos Coríntios. Concluindo aquele maravilhoso hino, São Paulo cita a tríade de virtudes teologais, exclamando: «Agora, pois, subsistem estas três coisas: a fé, a esperança e a caridade. Mas a maior de todas é a caridade» (1 Cor 13, 13).

Paulo dirige estas palavras a uma comunidade muito longe de ser perfeita no amor fraterno: os cristãos de Corinto eram bastante turbulentos, havia divisões internas, havia aqueles que pretendiam ter sempre razão e não ouviam os outros, considerando-os inferiores. Paulo recorda-lhes que a ciência ensoberbece, enquanto a caridade edifica (cf. 1 Cor 8, 1). Além disso, o Apóstolo fala de um escândalo que atinge até o momento de maior união de uma comunidade cristã, ou seja, a “ceia do Senhor”, a celebração eucarística: também aí há divisões, e há quem se aproveite para comer e beber, excluindo os que nada têm (cf. 1 Cor 11, 18-22). Perante isto, Paulo pronuncia um juízo severo: «Quando, pois, vos reunis, já não comeis a ceia do Senhor» (v. 20), tendes outro ritual, que é pagão, não é a ceia do Senhor.

Quem sabe, talvez ninguém na comunidade de Corinto pensasse que tinha cometido pecado e aquelas palavras tão duras do Apóstolo lhes parecessem um pouco incompreensíveis. Provavelmente todos estavam convencidos de que eram pessoas bondosas e, se fossem interrogados sobre o amor, teriam respondido que para eles o amor era certamente um valor muito importante, como a amizade e a família. Até hoje o amor está nos

lábios de todos, na boca de muitos “influencers” e nos refrões de numerosas canções. Fala-se muito de amor, mas o que é o amor?

“Mas o *outro* amor?”, parece perguntar Paulo aos seus cristãos de Corinto. Não o amor que sobe, mas aquele que desce; não o que toma, mas aquele que oferece; não o que aparece, mas aquele que se esconde. Paulo receia que em Corinto - como também entre nós hoje - se crie confusão e que da virtude teologal do amor, que só vem de Deus, não permaneça na realidade vestígio algum. E, embora todos afirmem ser pessoas bondosas, que amam a própria família e os amigos, na verdade sabem muito pouco sobre o amor de Deus.

Os cristãos da antiguidade tinham à disposição várias palavras gregas para definir o amor. No final, surgiu o vocábulo “ágape”, que normalmente traduzimos como “caridade”. Porque, na verdade, os cristãos são capazes de todos os amores do mundo: também eles se apaixonam, mais ou menos como acontece com todos. Também eles experimentam a benevolência da amizade. Também eles vivem o amor à pátria e o amor universal a toda a humanidade. Mas existe um amor maior, um amor que vem de Deus e se dirige a Deus, que nos permite amar a Deus, tornando-nos seus amigos, e nos concede amar o próximo como Deus o ama, com o desejo de partilhar a amizade com Deus. Por causa de Cristo, este amor impele-nos para onde humanamente não iríamos: trata-se do amor pelos pobres, pelo que não é amável, por quem não nos ama e não nos é grato. É o amor pelo que ninguém amaria; até pelo inimigo. Até pelo inimigo. Isto é “teologal”, vem de Deus, é obra do Espírito Santo em nós.

No sermão da montanha Jesus prega: «Se amardes aqueles que vos amam, que gratidão vos será devida? Até os pecadores amam aqueles que os amam. E se fizerdes o bem a quem vos faz o bem, que gratidão vos é devida? Até os pecadores fazem o mesmo» (Lc 6, 32-33). E conclui: «Amai, pois, os vossos inimigos - estamos habituados a falar mal dos inimigos - amai os vossos inimigos, fazei o bem e emprestai sem nada esperar, e a vossa recompensa será grande, e sereis filhos do Altíssimo, porque Ele tem piedade dos ingratos e dos malvados» (v. 35). Recordemo-lo: “Amai, pois, os vossos inimigos, fazei o bem e emprestai sem nada esperar”. Não o esqueçamos!

Nestas palavras, o amor revela-se como virtude teologal, adquirindo o nome de caridade. O amor é caridade! Compreendemos imediatamente que se trata de um amor difícil, aliás, impossível de praticar, se não se vive em Deus. A nossa natureza humana leva-nos a amar espontaneamente o que é bom e belo. Em nome de um ideal ou de um grande afeto, até conseguimos ser generosos e realizar gestos heroicos. Mas o amor de Deus vai além destes critérios. O amor cristão abraça o que não é amável, oferece o perdão - como é difícil perdoar, quanto amor é preciso para perdoar! - o amor cristão abençoa quem amaldiçoa, enquanto nós estamos habituados, perante um insulto ou uma maldição, a responder com outro insulto, com outra maldição. É um amor tão audacioso que parece quase impossível e, no entanto, é a única coisa que restará de nós. O amor é a “porta estreita” através da qual passar para entrar no Reino de Deus. Pois no crepúsculo da vida não seremos julgados pelo amor genérico, seremos julgados precisamente pela caridade, pelo amor que tivermos concretamente. E Jesus diz-nos isto, é muito bonito: «Em verdade vos digo: tudo o que fizestes a um destes meus irmãos mais pequeninos, foi a mim mesmo que o fizestes» (*Mt 25, 40*). Esta é a beleza, a grandiosidade do amor. Em frente e coragem!

Praça São Pedro

Quarta-feira, 22 de maio de 2024

20 - A humildade

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!!

Concluimos este ciclo de catequeses meditando sobre uma virtude que não faz parte do septenário de virtudes cardeais e teologais, mas que está na base da vida cristã: esta virtude é a humildade. Ela é a grande antagonista do mais mortal dos vícios, a soberba. Enquanto o orgulho e a soberba inflam o coração humano, fazendo-nos parecer mais do que somos, a humildade repõe tudo na dimensão certa: somos criaturas maravilhosas mas limitadas, com qualidades e defeitos. A Bíblia recorda-nos desde o início que somos pó e ao pó voltaremos (cf. *Gn 3, 19*); com efeito, “humilde” vem de húmus, ou seja, terra. No entanto, no coração humano surgem com frequência delírios de onnipotência, muito perigosos, e isto fere-nos muito.

Para nos libertarmos do orgulho, bastaria deveras pouco, seria suficiente contemplar um céu estrelado para recuperar a medida certa, como reza o Salmo: «Quando contemplo o firmamento, obra das vossas mãos, a lua e as estrelas que fixastes, que é o homem para que vos lembrades dele, o filho do homem para dele cuidardes?» (8, 4-5). A ciência moderna permite-nos ampliar muito mais o horizonte e sentir em maior medida o mistério que nos circunda e habita.

Felizes as pessoas que conservam no coração esta consciência da sua pequenez! Estas pessoas são preservadas de um vício tremendo: a arrogância. Nas suas bem-aventuranças, Jesus parte precisamente delas: «Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o reino dos céus» (*Mt 5, 3*). É a primeira bem-aventurança, pois está na base das seguintes: com efeito, a mansidão, a misericórdia, a pureza de coração nascem desta sensação interior de pequenez. A humildade é a porta de entrada para todas as virtudes!

Nas primeiras páginas dos Evangelhos, a humildade e a pobreza de espírito parecem ser a fonte de tudo. O anúncio do anjo não se verifica às portas de Jerusalém, mas num povoado remoto da Galileia, tão insignificante que as pessoas diziam: «Pode vir algo bom de Nazaré?» (Jo 1, 46). Mas é precisamente dali que o mundo renasce. A heroína escolhida não é uma pequena rainha que cresceu na infantilidade, mas uma jovem desconhecida: Maria. A primeira a ficar abismada é ela própria, quando o anjo lhe traz o anúncio de Deus. E no seu cântico de louvor sobressai exatamente este enlevo: «A minha alma engrandece o Senhor e o meu espírito exulta em Deus, meu Salvador, porque *olhou para a humildade da sua serva*» (Lc 1, 46-48). Deus - por assim dizer - é atraído pela pequenez de Maria, que é sobretudo pequenez interior. E é atraído também pela nossa pequenez, quando a aceitamos.

Daqui em diante, Maria terá o cuidado de não pisar o palco. A sua primeira decisão após o anúncio angélico é ir ajudar, ir servir a prima. Maria vai às montanhas de Judá, para visitar Isabel: assiste-a nos últimos meses de gravidez. Mas quem vê este gesto? Ninguém, a não ser Deus. A Virgem parece nunca querer sair deste escondimento. Como quando, do meio da multidão, a voz de uma mulher proclama a sua bem-aventurança: «Bendito o ventre que te deu à luz e o seio que te amamentou!» (Lc 11, 27). Mas Jesus responde imediatamente: «Bem-aventurados os que ouvem a palavra de Deus e a observam» (Lc 11, 28). Nem sequer a verdade mais sagrada da sua vida - ser Mãe de Deus - se torna para ela motivo de vanglória diante dos homens. Num mundo que busca a aparência, para se demonstrar superior aos outros, Maria caminha com determinação, só com a força da graça de Deus, na direção oposta.

Podemos imaginar que também ela conheceu momentos difíceis, dias em que a sua fé avançava na escuridão. Mas isto nunca fez vacilar a sua humildade, que em Maria era uma virtude granítica. Quero frisá-lo: a humildade é uma virtude granítica! Pensemos em Maria: ela é sempre pequena, sempre despojada de si mesma, sempre livre de ambições. Esta sua pequenez é a sua força invencível: é ela que permanece aos pés da cruz, enquanto se fragmenta a ilusão de um Messias triunfante. Será Maria, nos dias precedentes ao Pentecostes, que reunirá o rebanho dos discípulos que

não foram capazes de vigiar uma só hora com Jesus e que o abandonaram quando chegou a tempestade.

Irmãos e irmãs, a humildade é tudo. É ela que nos salva do Maligno e do perigo de nos tornarmos seus cúmplices. E a humildade é a nascente da paz no mundo e na Igreja. Onde não há humildade, há guerra, há discórdia, há divisão. Deus deu-nos o exemplo disto em Jesus e Maria, a fim de que seja a nossa salvação e a nossa felicidade. E a humildade é precisamente a vereda, o caminho da salvação. Obrigado!